



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

CURSO INTERDISCIPLINAREM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA
NATUREZA-LICENCIATURA

ELIANA CHITTÓ

**A AGROECOLOGIA E SUA RELAÇÃO COM AS ESCOLAS MUNICIPAIS DO
CAMPO NA CONCEPÇÃO DE SEUS GESTORES NO MUNICÍPIO DE ERVAL
GRANDE/ RS**

ERECHIM

2018

ELIANA CHITTÓ

**A AGROECOLOGIA E SUA RELAÇÃO COM AS ESCOLAS MUNICIPAIS DO
CAMPO NA CONCEPÇÃO DE SEUS GESTORES NO MUNICÍPIO DE ERVAL
GRANDE/ RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Interdisciplinar em Educação do Campo-Ciências da Natureza- Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo- Ciências da Natureza.

Orientador: Prof. Me. Fábio Aparecido da Costa

ERECHIM

2018

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Chittó, Eliana

A AGROECOLOGIA E SUA RELAÇÃO COM AS ESCOLAS
MUNICIPAIS DO CAMPO NA CONCEPÇÃO DE SEUS GESTORES NO
MUNICÍPIO DE ERVAL GRANDE/ RS/ Eliana Chittó. -- 2018.
61 f.

Orientador: Fábio Aparecido Da Costa.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da
natureza-licenciatura , Erechim, RS , 2018.

1. Agroecologia, Escolas do Campo e Educação do
Campo. I. Costa, Fábio Aparecido Da, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

**“A construção do pensamento agroecológico nas escolas do campo
do município de Erval Grande/RS.”**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Fábio Aparecido da Costa

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 18/01/2018.

Banca examinadora:



(orientador) Prof. Fábio Aparecido da Costa



Membro 1: Prof. Moisés Marques Prsybyciem

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradecer a Deus por ter me disponibilizado concluir mais esta etapa em minha vida.

Ao meu orientador pela ajuda no desenvolvimento deste trabalho

Aos meus amigos Cristine Miszewski, Patricia Faenello Plauth e Guilherme Faenello que nas vezes em que pensei em desistir, me deram forças para continuar.

Ao Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza e a todos os professores que auxiliaram no meu processo de formação durante todo este caminho;

Ao meu namorado pelo companheirismo, compreensão, ajuda e amor, e por não me deixar desistir quando as coisas pareciam impossíveis;

Aos professores e direção das escolas, aos pais que responderam aos questionários para a elaboração deste trabalho;

Muito obrigado a todos!

RESUMO

O presente trabalho se trata de uma pesquisa realizada em uma escola do campo do município de Erval Grande/RS. Este projeto tem como objetivo observar se pode ser implantada dentro da escola de uma maneira que não só os alunos, mas a comunidade ao seu entorno entendam. Para isso foi realizado pesquisas bibliográficas e de campo, com a aplicação de questionário a equipe de gestores das escolas. A análise dos dados foi feita de modo a mostrar o que realmente cada candidato respondeu, e embasando suas respostas em autores presentes na fundamentação teórica do trabalho.

ABSTRAT

The present work deals with a research carried out in a school in the countryside of the municipality of Erval Grande / RS. This project aims to see if it can be implemented within the school in a way that not only the students, but the community to their surroundings understand. For this, bibliographical and field research was carried out, with the application of a questionnaire to the team of school managers. The analysis of the data was done in order to show what each candidate really answered, and based his answers on authors present in the theoretical foundation of the work.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1. AGROECOLOGIA, ESCOLAS DO CAMPO E EDUCAÇÃO DO CAMPO	12
1.1 HISTÓRIA DE ERVAL GRANDE	12
1.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E COMUNIDADE AO SEU ENTORNO	20
1.3: SURGIMENTO DA AGROECOLOGIA	22
1.4: AS ESCOLAS DO CAMPO E AGROECOLOGIA PENSADA PARA AS ESCOLAS DO CAMPO	26
1.5: CURRÍCULOS E AGROECOLOGIA	32
1.6: AGROECOLOGIA COMO FONTE DE RENDA PARA A AGRICULTURA FAMILIAR	33
2.ASPECTOS METODOLÓGICOS	35
3.ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	37
4.CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
5.REFERÊNCIAS	55
6.APÊNDICES	57

INTRODUÇÃO

A educação do campo é aquela educação que se faz presente em escolas localizadas no campo, e que surgiu para que fosse ensinada, trabalhando com a realidade de vida dos estudantes.

Trata-se de um conceito contemporâneo, nascido como crítica à educação rural e à conformação dos seus destinatários ao modelo de produção agrária hegemônico, que marginaliza e/ou exclui pequenos e médios produtores rurais, provocando o desequilíbrio entre as diferentes dimensões sociais, econômicas, ecológicas, políticas e culturais, que determinam a qualidade de vida. Atua como crítica prática, tendo em seu seio a agroecologia por atividade agrária e para o restabelecimento do equilíbrio das diferentes dimensões outrora elencadas.

Na literatura, é possível observar um considerável aumento nas pesquisas relativas à agroecologia, quase sempre justificadas a partir do cenário de crise da modernidade. Por este motivo, a agroecologia emergiu como campo científico, partindo de uma visão holística e com uma abordagem sistêmica, para estudar a atividade agrária.

A agroecologia propõe uma reconfiguração da atividade agrária, pautada na aplicação dos conceitos e princípios ecológicos para desenhar e manejar agroecossistemas sustentáveis, por meio da ação social coletiva, na produção e circulação dos produtos, sem causar os problemas socioambientais gerados pelo modelo econômico atual (HECHT, 2002; GLIESSMAN, 2005; SEVILLAGUZMÁN, 1993).

Ao contrário da agricultura convencional, que produz grãos em grande quantidade, suprindo uma demanda de exportação, contribuindo com o êxodo rural e com o aumento do consumo de produtos industrializados, a agroecologia produz diversos tipos de alimentos demandados pela população local e regional, auxiliando na fixação do sujeito no campo, na diversificação do cultivo e na produção de alimentos que garantam o aumento da qualidade de vida, e fazendo com que as pessoas percebam que estarão melhorando seu estado de saúde física, social e econômica.

Nota-se que, sendo as escolas do campo o *locus* privilegiado da educação dos povos que vivem e trabalham no campo, a agroecologia deveria ser conteúdo de ensino, fazer parte de seus currículos e práticas escolares. Por isso, a agroecologia em Erval Grande, foi escolhida como temática para realizar a pesquisa e compor o trabalho de conclusão do curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza.

O município escolhido justifica-se por ser o de moradia da proponente e possuir uma feira agroecológica, com sete famílias certificadas para a comercialização de seus produtos

alimentares naturais e integrais, garantindo a segurança alimentar e nutricional dos consumidores e das comunidades envolvidas em sua produção.

Observa-se que naquele município, apesar das muitas dificuldades encontradas na produção de alimentos de base agroecológica, uma parcela significativa de famílias agricultoras produz os alimentos encontrados em suas mesas. Ao passo que, restringe-se a uma parcela menor a comercialização do excedente para garantir renda, sem abandonar sua vida, sua cultura e seus conhecimentos adquiridos das gerações anteriores, por vezes denominados conhecimentos populares.

Discutir agroecologia justifica-se pela necessidade de rever os impactos das atividades agrárias, geradas a partir do modelo capitalista vigente, quer seja pela exploração dos recursos naturais ou pelo restabelecimento do equilíbrio entre as dimensões essenciais que determinam a qualidade de vida da população. Para tanto, é necessário compreender os conceitos de agroecologia e de qualidade de vida, discutir suas abordagens teóricas e apresentar suas relações com as escolas do campo.

O que motivou a realizar este projeto foi o fato de que meus pais trabalham com agroecologia e fazem parte do grupo das sete famílias que possuem certificação de agroecologia.

Este trabalho de conclusão de curso tem como **objetivo** observar se a agroecologia pode ser implantada dentro da escola de uma maneira que não só os alunos, mas a comunidade em seu entorno a entendam e que ambas possam pensar ou optar nessa alternativa de produção. Tem ainda como objetivos específicos:

- Caracterizar a cidade de Erval Grande, contar sua história, mapa, cultivos, população
- Apontar na literatura o que é agroecologia e como ela tem sido pensada para ser trabalhada nas escolas do campo
- Analisar como os gestores das escolas percebem a agroecologia e sua possibilidade de inserção nos currículos das escolas do campo

Sabe-se que a escola tem papel fundamental na construção de conhecimentos, por isso a questão que surge e se configura em **problema** para o presente trabalho de conclusão de curso é: de que maneira a agroecologia pode ser implantada nas escolas para atender este público?

O trabalho está organizado em um capítulo geral que é dividido em outros seis subtítulos, aonde o primeiro subtítulo conta um pouco de como é a história de Erval Grande, desde a colonização até os dias atuais.

O segundo subtítulo trata da contextualização das escolas e das comunidades ao seu entorno. O terceiro subtítulo trata sobre o surgimento da agroecologia. O quarto trata sobre as escolas do campo e como a agroecologia está sendo pensada para as escolas. O quinto relata sobre a agroecologia e sua inserção nos currículos escolares. E o sexto e último subtítulo trata da agroecologia como fonte de renda para a agricultura familiar.

Logo abaixo está o primeiro subtítulo o qual contará sobre a história de Erval Grande, desde a colonização até os dias atuais, constatando também a maneira como a agroecologia foi introduzida no município.

CAPÍTULO 1: AGROECOLOGIA, ESCOLAS DO CAMPO, E EDUCAÇÃO DO CAMPO

1.1 COLONIZAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL E HISTÓRIA DE ERVAL GRANDE

O Estado do Rio Grande do Sul teve a chegada de homens a mais ou menos 12 mil anos atrás, porém as mudanças só começaram a surgir depois do descobrimento do Brasil, esse momento foi marcado por diversos conflitos armados, alguns de grande violência (COLOMBO, 2011).

O rio grande do sul até o final do século XVIII era uma região aonde habitavam povos indígenas, da etnia caingangue. No entanto, muitos grupos guaranis também ocuparam as regiões de menor altitude. Na metade do século XIX, os conflitos foram tratados, aonde Portugal tomava posse definitiva das terras que hoje compõem o estado. Destas terras os índios e espanhóis foram expulsos, ficando assim uma sociedade altamente portuguesa aonde predominava uma economia baseada em charque e trigo, os poucos posseiros que povoaram o território encoberto pela floresta e sulcado pela abundante rede da bacia hidrográfica ocidental dos rios Pelotas-Uruguai. (COLOMBO, 2011)

No final do século o comércio se fortaleceu, neste período chegaram os imigrantes de outras origens como italianos e judeus, na virada para o século XX, o rio grande do sul, havia se tornado a terceira maior economia do Brasil. No final da ditadura militar o Rio Grande do Sul enfrentou muitas dificuldades no que diz respeito á liberdade de expressão. Nas ultimas décadas o estado vem consolidando uma economia dinâmica e diversificada, bastante ligada ao setor agropecuário (COLOMBO, 2011).

A região mais do norte do estado foi ocupada inicialmente por grupos nômades vindos do rio Uruguai e rio Iguaçu, existiam naquela região grupos de índios tupi-guaranis que a partir do século XVIII, foram desaparecendo da região. Os Bandeirantes que eram os povos denominados de paulistas que chegaram á região por volta de 1600 foram os responsáveis pelo extermínio dos indígenas (COLOMBO, 2011).

Em 1908, iniciava-se a construção da Estrada de Ferro pela BRASIL RAILWAY COMPANY, ligando são Paulo ao rio grande do sul em terras contestadas, que tinha como objetivo viabilizar o comércio da região sul. Entre os anos de 1848 e 1874 o governo provincial do Rio Grande do Sul se encarregou da administração das colônias e da introdução de colonos nas terras da região (COLOMBO, 2011).

A região foi colonizada basicamente por imigrantes de origem polonesa (1918), alemã (1912), judaica (1911) e, principalmente, italiana. As primeiras famílias italianas chegaram na cidade por volta de 1910 através da ferrovia. Os imigrantes italianos, ao longo de vários anos, modificaram a fisionomia social da região com seus valores espirituais, culturais e materiais. Grande parte dos imigrantes, não só os italianos, vinham em busca de uma vida melhor para si e para suas gerações (COLOMBO, 2011).

Com a construção da estrada de ferro, e da chegada de imigrantes a região sul, a população começou a explorar novas terras e somente em 1919, que chegaram os primeiros habitantes a região que hoje é conhecida como Erval Grande. Estas pessoas chegaram abrindo picadas a facão até chegarem ao Porto Goio-En, aonde ali existia uma barca a remo, e após atravessarem o rio encontraram um serraria aonde foi invadida para servir de moradia, a barca também era usada pelos indígenas que ali moravam para atravessar o rio. O grupo que chegou a região ficou conhecido como os revolucionários maragatos (COLOMBO, 2011).

Em 1926 os maragatos construíram a primeira casa, aonde ali se originou a vila, que logo em seguida passou a condição de distrito de Erechim. E somente em 1931 foi aberta a primeira estrada. Estrada esta por onde era feita a extração da madeira, transportada até a balsa e de lá seguia pelo rio Uruguai, por onde era exportada (COLOMBO, 2011).

Constatou-se que os primeiros povos que aqui chegaram já encontraram uma serraria em funcionamento, a qual era manuseada pelos primeiros imigrantes que vieram explorar esta região e que utilizavam a mão de obra indígena para auxiliar na exportação.

Com isso o primeiro recurso que era explorado na região foi a exportação de madeiras, e em seguida veio a descoberta da erva mate pelos indígenas que ali habitavam e pelos imigrantes que com o passar dos anos foram chegando, na região outro recurso que era explorado da região o qual era encontrado em grande abundância.

Sendo assim os imigrantes que ali estavam colonizando a região, viviam da extração da madeira e da erva mate. Era uma região em que viviam muitos imigrantes e que resolveram por um nome a aquele local, e o denominaram de Herval Grande, devido ao grande número de ervais na região.

Na década de 20 se encontravam em Herval Grande moradores de origem italiana, caboclos e índios, estes haviam iniciado a colonização do município, com o passar dos anos foram chegando outros povos de origem polonês, alemães, e ucranianos e outros povos europeus, que foram constituindo a população.

No ano de 1949 é criado o distrito de Herval Grande pela lei 64 da Prefeitura Municipal de Erechim. Em 1950 foi instalado oficialmente o cartório, esta década também foi marcada por grandes incêndios em casas e comércios e suas causas nunca foram esclarecidas.

O primeiro incêndio ocorreu na casa comercial de Francisco José Zaffari, o qual perdeu neste dia um filho de 3 anos de idade. O fogo pode ser percebido até no outro dia, pois havia no porão da casa aproximadamente 1000 sacas de trigo que foram queimadas não restando nada. Em 1952 outro incêndio ocorreu tirando a vida de 7 crianças. Neste mesmo ano outro incêndio ocorreu e foi registrado como o mais grave, pois atingiu um hotel lotado da cidade. Em 1954 foram registrados mais dois incêndios um destruindo o moinho e outro a serraria da cidade.

A emancipação do município ocorreu no dia 30 de novembro de 1958. A partir deste dia Erval Grande seria escrito sem o “H”. No dia 31 de janeiro de 1959, Leonel de Moura Brizola governador do Estado naquela época, sancionou a emancipação de Erval Grande pela lei 3715 de 16 de fevereiro de 1959.

Erval Grande hoje é localizada no extremo norte do Rio Grande do Sul, limita-se com Santa Catarina ao norte pelas cidades de Chapecó e Paial, faz divisa ainda ao oeste com Nonoai, Faxinalzinho e Benjamim Constante do Sul, ao leste Itatiba do Sul e São Valentim ao sul. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007).

A economia do município baseia-se na produção agropecuária e na pequena propriedade que por meio do processo de produção gera maior parte de sua renda e regula a oferta e demanda de empregos.

Nos dias de hoje Erval Grande é constituído por uma feira agroecológica, uma fruteira, seis mercados, prefeitura, 6 escolas, sendo duas localizadas no campo, uma creche, hospital, posto de saúde, duas farmácias, igrejas de várias religiões, e um total de 5.296 habitantes segundo o censo de 2007, distribuídos entre a cidade e o campo. Recentemente Erval Grande recebeu o nome de “Capital Nacional das Azaléias” em virtude da grande quantidade dessa espécie presente no município.

A economia do município é gerada a partir do fumo, milho, soja, uva, laranja, gado para produção de leite e corte produção de hortaliças, legumes e frutas, convênio com empresas para produção de suínos e aves. E agroindústrias familiares que fornecem alimentos aos mercados e feira agroecológica.

Em 2013 também foi criado um projeto com a parceria da Biofábrica da Foz do Chapecó com alguns agricultores do município para a implantação de locais de experimentação do cultivo da banana e do abacaxi. Com isso um dos produtores que possui

certificado de agroecologia e que tem uma agroindústria de fabricação de doces, seria um dos beneficiados com este projeto. Pois teria a matéria prima de fabricação de seus doces no próprio município.

No município de Erval Grande o termo agroecologia foi introduzido através do (CAPA) Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia, antes os agricultores produziam e comercializavam os alimentos de forma orgânica, mas a partir do CAPA, os produtores que realmente quiseram continuar a produzir de forma a não agredir o meio ambiente com agrotóxicos, começaram a participar desta instituição. Fazendo o que os técnicos mandavam para assim poder ganhar o certificado de produção agroecológica.

O CAPA realizou um relato com uma família participante do grupo, a qual relata que no começo tudo é mais difícil, a rejeição vinda por parte da sociedade e o fato dos vizinhos passarem agrotóxicos em suas terras, próximas das plantações que estavam sendo adotado, o método agroecológico, no início foi difícil passar por estas dificuldades. Mas após receber o certificado e ter todo o mês o acompanhamento dos técnicos, as dificuldades foram sendo superadas, e hoje produzir alimentos agroecológicos é nosso grande orgulho diz a família entrevistada.

O CAPA também entrevistou a minha avó sobre o que ela relata sobre a agroecologia, a transcrição da entrevista feita pelo CAPA, segue abaixo:

PROJETO HISTÓRIA ORAL

1) Dados do projeto:

Nome do projeto: **História Ambiental & Memória: um espaço de preservação e resgate social.**

Responsável do Projeto: Thaís Janaina Wenczenovicz

Instituição: UERGS

Entrevistador: Danieli Cristina Zucchi

2) Dados do Depoente:

Nome Completo:

Allea Lermer Chitto

Local e data de nascimento:

Guaporé RS 27 de fevereiro de 1917

Endereço (Rua, Nº, Bairro, Cidade, Estado, CEP, Telefone):

Linha Secção Sete de Setembro Erval Grande RS

Documento de Identidade:77570707087

Tipo: CPF

Local de Emissão: Erval Grande

Profissões: Agricultora

3) Dados do contato

Data do contato: 08 maio de 2017

Forma de contato: visita domiciliar

Data e horário da entrevista: 12 maio de 2017 14h

Local da entrevista: residência familiar

4) Dados do andamento das etapas de preparo do documento final (datas)

Primeira Transcrição: 13 maio de 2017

Transcrição Final: 15 maio de 2017

Conferência: 15 maio de 2017

Carta de Sessão: 12 maio de 2017

5) Envio de correspondência

Agradecimento da entrevista: em especial a família de Henrique Chitto da Linha Secção Sete de Setembro Erval Grande RS pela sua espontânea receptividade, em singular a dona Allea por aceitar e colaborar para a disseminação de seus conhecimentos e belo exemplo de vida.

Entrega para conferência: 15 maio de 2017

Carta de Sessão: 15 maio de 2017

6) Roteiro de perguntas

1. Como era a sua relação com a natureza quando era criança?

Daí nos quando era bem pequeno, nós não trabalhávamos, brincava embaixo de uma árvore, nó e os filho da vizinha nos se dava muito bem com ela, nós brincávamos o dia inteiro embaixo de uma arvore e o pai e a mãe iam trabalhar na roça, nós ficávamos brincando e cuidando dos mais pequenos, assim passava, depois de grande depois de uma certa idade de 8 a 10 anos já nos comecemos a trabalhar.

2. O que mudou em Erval Grande enquanto Meio Ambiente/ Natureza?

Vi muita eu vi muita coisa que mudou desde as arvores, desde as plantações, o sistema de plantar, a agricultora, como quando nós comecemos a trabalhar e comecemos a plantar, sempre carpir e roçar as capoeiras, nem sabia que existia veneno nem tinha acesso.

3. Pode-se dizer que a colonização e imigração da Europa para o Brasil, tiveram grande impacto na natureza? Por que?

Até nem sei se mudaram muito a natureza deles né, vieram para colonizar e produzir, pois é vou falar da minha falecida avó que quando ela veio no Brasil, então tinha os encarregados de levar eles no meio do mato para começar a trabalhar e daí não tinham nada para comer levava só os pouquinhos para eles comer, inclusive essa falecida minha avó ficou triste e morreu lá no meio do mato, casa eles não tinham, fizeram casa com os lençóis, e ela morreu embaixo dos lençol de tristeza de se ver lá no mato daquele jeito, eles nem sabiam trabalhar desde cortar as arvores, eles arrancavam, assim me contou a minha mãe, ela contava isso ali que aconteceu.

4. O que a (o) senhora (o) mais aprecia na natureza das plantas?

A sim eu gosto tanto das plantas, gosto das flores, gosto das frutas, tanto que eu sempre quando saio, saia quando era nova, sempre trazia sementes, inclusive esses pinheiros que tem aqui na região de Sete de Setembro foi tudo eu que plantei, eu trazia o pinhão as sementes lá de Guaporé RS aonde eu nasci, e também as laranjas as laranjas doce eu trouxe de Santa Rosa, plantei lá em casa quando era solteira ainda, depois quando casei eu levei as sementes, antes de vim morar eu trouxe as sementes, plantei as mudas.

5. Qual sua relação com as plantas?

A eu quando era mais nova lidava com muito carinho tudo, tanto a plantação, tanto as frutas, tanto as verduras, tudo com carinho, respeito tratava tudo muito bem.

6. Que mensagem poderia deixar para as novas gerações sobre a Natureza/Meio Ambiente?

A mensagem que eu queria deixa para eles, que se amem uns aos outros, que nunca troquem da religião católica e que cuidem de rezar sempre, que continuem e se respeitem tanto como se respeitam agora hoje, viver em paz e em família para toda a vida deles.

7. Como a (o) senhora (o) tem achado sobre a chegada das novas leis que inserem a Natureza/ Meio Ambiente?

Eu acho que ajuda pouco e nada, que elas favorecem não favorecem os pobres.

8. Em sua opinião, acha que pode haver uma possível guerra (conflito) sobre os recursos da natureza e Meio Ambiente?

Eu acho que não, que podem ir em paz, sempre combinando sempre na paz, na paz eles vão melhor do que na guerra, a guerra vai destruir ainda mais a natureza, seja lá aonde ela acontecer. Pro meu ver é isso, a guerra só traz a morte, vai diminuir tudo, como contava meu avô parte parte do pai, ele foi vencedor da guerra, ele tinha medalhe e tudo, ele foi muito ferido, mas melhorava e voltava na guerra, era valente.

9. É notável como os governos, organizações e pessoas em geral estão muito mais preocupadas hoje nas questões ambientais do que nos anos 60/70. O que a (o) senhora (o) acha que foi determinante para essa mudança de consciência?

Estão preocupadas porque eles veem que quase tudo vai mal, medo por causa do futuro dos pequenos, porque pode faltar recurso na natureza.

10. Que lições podemos aprender com a natureza?

Isso até nem sei o que podiam aprender, diminuir a televisão seria uma coisa boa, porque as vezes precisa de alguma coisa e o filho não quer sair porque está prestando atenção na televisão quer ver terminar, mais convívio com as pessoas, com os vizinhos, sair no dia santo, sair passear ter um divertimento, se encontrar com uma pessoa que nunca se viu, conhecer gente de fora nova, sempre sim quanto mais amigo melhor, inimigo nenhum.

Carta de Sessão

Erval Grande (RS), 12 de maio de 2017.

Destinatário,

Eu, Allea Lerner Chitto, declaro para devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em, 12 de maio de 2017, para a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e transcreve-la, ficando vinculado o controle ao Arquivo Histórico Municipal de Erechim Juarez Miguel Illa Fonte, que tem sua guarda. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

1.2: CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS E COMUNIDADES AO SEU ENTORNO

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Sete de Setembro, esta localizada na Vila Sete de Setembro, interior de Eral Grande. A escola atende alunos do 5º ao 9º ano pela parte da manhã do pré ao 4º ano pela parte da tarde. É constituída por cinco salas de aula, direção, cozinha, banheiros, biblioteca, sala dos professores e sala de recurso. A biblioteca serve também como sala de computação. A escola possui um amplo espaço interno e externo que possui a horta, jardim e um pátio enorme que também é utilizado para as atividades de educação física.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola tem sua última versão do ano de 2012, foi realizado com a participação dos professores, da direção e de alguns pais que juntos formam o Conselho de Pais e Mestres (CPM), da escola, que além de colaborar na formação do PPP da escola, também participam no lado financeiro e estrutural da mesma.

A escola tem como proposta pedagógica, fazer com que o aluno tenha um maior rendimento em todas as disciplinas oferecidas pela escola, dando maior atenção a qualidade do ensino, priorizando o saber, pensar, elaborar o senso crítico e o socializar as idéias, envolvendo também os alunos em atividades em grupos, para um melhor convívio entre os mesmos e para saberem que é importante para o seu desenvolvimento que trabalhem em grupo, desta maneira evitando com que haja um maior número de repetências. Oferece ainda um acompanhamento pedagógico tanto para professores como para alunos, com a participação da psicóloga, nutricionista, fonoaudióloga e ainda da secretaria de educação.

Busca ainda fazer com que o educando entenda que se pode haver uma relação entre o aluno, a escola e a comunidade. É uma ótima alternativa, pois assim o aluno conseguirá levar o seu conhecimento adquirido em sala de aula, para a sua casa, onde passará este conhecimento para seus pais, sendo que a maioria dos pais não teve esta oportunidade de estudar. Não esquecendo também de incentivar o potencial de cada aluno.

A escola busca junto com os professores envolver os alunos em projetos que são, em sua maioria, desenvolvidos pela escola, como por exemplo: projeto união faz a vida que além de adquirir conhecimento o aluno também passa a conhecer novos lugares através do projeto.

Outro ponto importante é a sala de recursos que a escola disponibiliza. Há uma professora especializada que atua um dia por semana com estes alunos, a maioria é da própria escola e há também alguns que vem de outras escolas.

Segundo Paulo Freire (poesia escola), “Importante na escola não é só estudar é também criar laços de amizade e convivência”. Laços estes que serão levados para a vida toda, uma boa amizade, quando for verdadeira dura uma vida toda. E é também necessário aprender a conviver com pessoas diferentes, com um grau de dificuldade maior e essa é a dura

realidade nos dias de hoje, cada vez mais há pessoas com dificuldades de aprendizagem ou até mesmo alguma deficiência.

Um ponto que não se pode esquecer é o de fazer com que o aluno dialogue, pois o diálogo é importante no seu desenvolvimento, é ele que faz uma ligação com o mundo, é aí que o educando aprenderá a respeitar a opinião do outro e a esperar pela sua vez de falar. É através do diálogo que há entre professor e aluno que o professor terá que levar em conta a realidade em que o aluno está presente.

Faz-se, muito importante a permanência das escolas do campo, pois o próprio aluno vive no meio rural e tem o privilégio de ter uma escola também no interior, que têm um grande papel no seu ensino, faz conexão das disciplinas com a própria vida do aluno. E se a escola fechar, como é uma característica não só desta escola, mas de outra do município, os alunos serão transferidos para a escola da cidade e perderá aquele vínculo, aquela ligação que mesmo sem o aluno perceber se fazia presente e será uma estrutura que está ali há muitos anos e que ficará só como história.

A horta no ambiente escolar não é algo que se passa despercebido pois os pais dos estudantes possuem uma horta em suas casas, então trabalhar a horta na escola só vem a agregar conhecimentos aos estudantes. E a agroecologia pode ser uma alternativa de se trabalhar ensinando a partir da horta presente na escola.

As comunidades ao entorno da escola, são constituída por famílias que auxiliam na economia do município, as comunidades são constituída por várias etnias, e a maior parte dos estudantes moram ao entorno da escola.

As duas comunidades mais próximas da escola, eram uma só, e foram divididas após serem ganhados dois santos um sendo Santo Antonio e outro são José, muitos queriam que fosse um e o restante outro, então para não dar briga resolveram dividir e formar duas comunidades, a escola é localizada no meio das duas comunidades, uma é considerada também como vila sete de setembro, pois á duas casas comerciais ali localizadas.

A outra escola está localizada na comunidade de Pinhalzinho, interior do município, possui um espaço amplo interno com horta, parque infantil e pátio aonde as crianças têm disponibilidade de uso nos intervalos. Internamente possui uma biblioteca, laboratório de Ciências, cinco salas de aula, banheiros cozinha, refeitório, sala da direção. É uma escola bem estruturada, possui 86 alunos e este número vem diminuindo a cada ano, um dos fatores é o êxodo rural, onde os moradores estão deixando o campo e indo morar na cidade.

Neste próximo tópico focaremos mais no surgimento da agroecologia e sua importância para a vida de toda a população.

1.3: SURGIMENTO DA AGROECOLOGIA

Para entendermos a agroecologia, precisamos primeiramente entender como a agricultura foi descoberta, esta vem sendo praticada a mais de dez mil anos. Seu início foi marcado por grandes transformações, nas quais surgiu o campesinato, se destacando principalmente no trabalho familiar e comunitário, o qual tem uma relação direta com os elementos da natureza, e os conhecimentos oriundos.

Para iniciarmos o assunto, alguns elementos históricos sobre a agricultura são necessários, para entendermos o conceito de agroecologia, veremos a seguir uma breve história do campesinato, o qual foi o marco principal no surgimento da agroecologia.

A agricultura é praticada há mais de dez mil anos. Com início marcado por grandes transformações como o surgimento do campesinato, que se baseia no trabalho familiar e comunitário, na relação direta com os elementos da natureza e nos saberes construídos nessa relação.

O campesinato então ficou conhecido como tradicional. Sua vigência vem cedendo lugar a outros ao diminuir o montante disponível de terras para cultivo e de recursos naturais. Todavia, nos últimos 50 anos passa por um processo de substituição, decorrente da revolução verde, do surgimento da agricultura convencional e do uso de implementos agrícolas na produção em maior escala.

A revolução verde foi implantada no Brasil durante a ditadura militar. Este modelo de produção convencional trouxe muitas conseqüências como a concentração de grandes áreas de terra e maior rentabilidade centrada em poucas pessoas.

É com esta preocupação com a qualidade de vida, qualidade do alimento que será posto na mesa das famílias que surge o termo agroecologia, meio este em que busca integrar os saberes populares e culturais que os agricultores possuem, com os saberes científicos, estes que vem sendo estudados e aperfeiçoados no decorrer dos dias. Permitindo desta maneira com que seja feita uma análise do modelo convencional de produção e dos novos modelos de agriculturas sustentáveis.

Hoje, a agroecologia continua a fazer conexão entre as fronteiras estabelecidas. Por um lado, a agroecologia é o estudo de processos econômicos e de agroecossistemas, por outro, é um agente para mudanças sociais e ecológicas complexas que tenham a necessidade de ocorrer no futuro a fim de levar a agricultura para uma base verdadeiramente sustentável (GLIESSMAN, 2005, p.56).

A agroecologia passou por muitas fases, estas sendo: as mobilizações contestadoras da sensibilização, que foram fortemente marcadas pelas denúncias que a revolução verde trazia consigo, a agricultura convencional, e conseqüentemente os agrotóxicos, estes que foram aprovados em 1980.

Outra fase marcante no processo de construção do modelo agroecológico foi à multiplicação de iniciativas práticas de organização da produção e a evidencia de um novo mercado, caracterizada por influenciar o surgimento de feiras agroecológicas, que tinham o objetivo de incentivar a produção de diversos tipos de alimentos.

A agroecologia é entendida como processo de produção de alimentos em que possibilita aos agricultores desenvolver suas atividades sem agredir o meio ambiente. É considerada a base para o desenvolvimento sustentável tanto nos aspectos sociais, econômicos e ambientais.

Muitos pensam que a agroecologia não seja realmente uma iniciativa viável para resolver o problema da má alimentação do mundo e da escassez da mesma, de certo modo podemos dizer que ela tem grande influência, mas não basta praticar agro ecologicamente se você mata os animais, insetos, que são de grande importância para a sobrevivência das plantas e do ser humano.

Um dos exemplos de animais que são de extrema importância para o desenvolvimento das plantas e de alguns alimentos, são as abelhas que realizam a polinização, possibilitando desta maneira com que sempre haja vida no planeta.

Segundo (ALBERT EINSTEIN APUD AMÉLIA GONZALEZ 2013, p.2) “Se as abelhas desaparecerem da face da terra, a humanidade terá apenas mais quatro anos de existência. Sem abelhas não há polinização, não há reprodução da flora, sem flora não há animais, sem animais não haverá raça humana”

A agroecologia não se resulta somente em produzir sem o uso de agrotóxicos, mas sim em preservar o meio ambiente. Ela perpassa pelos conhecimentos populares, tradicionais, históricos e pelos novos conhecimentos e informações que vem sendo adquiridos pelos muitos autores e movimentos que sempre a defendem.

A agroecologia também preza pela alimentação e a nutrição saudável as quais constituem requisitos básicos para a promoção e a proteção da saúde, possibilitando a afirmação plena do potencial de crescimento e desenvolvimento humano, com qualidade de vida e cidadania (BRASIL, 1999).

Segundo (PADOVAN, 2014) a qualidade dos alimentos e a própria qualidade de vida é um benefício de todos.

Porém a realidade do produto ecológico esta mudando com o decorrer dos dias, pois o número de pessoas que começam a passar mal, ou identificam algum tipo de rejeição aos alimentos químicos esta aumento, fazendo desta forma com que os mesmo, obtém por

diferentes tipos de alimentos, ou até mesmo por produzir uma parte dos alimentos que irá consumir.

A ampliação do mercado para a aceitação do produto agroecológico é uma das principais maneiras de expansão da produção agroecológica. (BRANDENBURG, 2002), afirma que é o mercado que contribui para a aceitação de um novo sistema de produção.

Um ponto importante de se destacar na agroecologia é o plantio com cobertura de solo, aonde esta cobertura tem como função a proteção do solo e da planta. Mantém o solo protegido da luz solar, e a cobertura deixa o solo sempre úmido, ou seja, sempre haverá água, no processo de desenvolvimento da planta. (ESPÍNDOLA ET AL. 1997)

Plantas de cobertura ou culturas de cobertura é um termo recente utilizado para designar diferentes espécies de adubos verdes em uso para a formação da camada de palha para a cobertura do solo (CALEGARI, 2014). A cobertura de solo com camada de palha é um dos princípios do sistema plantio direto – SPD. No entanto, a utilização de plantas de cobertura também faz parte de boas práticas agrícolas.

Um outro ponto de se destacar é o incentivo ao produtor rural, que cada dia está mais precário, pois o governo só pensa em explorar e nunca em apoiar. Na educação dos filhos dos mesmos por exemplo, está sempre ensinado que se deve estudar para sair do campo e migrar para a cidade em busca de novas oportunidades.

Porém se o governo aplicar os recursos que vem para a agricultura de forma certa facilitará com que os agricultores produzam cultivos em grande escala, nem sempre esses cultivos precisam ser cereais, para fornecer alimentos aos mercados locais ou até mesmo comercializar para a população urbana, vendendo o produto nas casas, também possibilitará renda as famílias.

Deste modo que as políticas públicas têm que pensar também para os pequenos, e para os poucos agricultores que ainda residem no campo, e não incentivar cada vez mais o êxodo rural. Uma vez que:

A Agroecologia oferece princípios, conceitos e metodologias para o planejamento de uma produção de alimentos de alta qualidade, que seja capaz de manter a produtividade da terra, de respeitar a natureza, de ampliar a diversidade de produtos para o consumo da família e para o mercado e de gerar mais renda para as famílias agricultoras (INSTITUTO GIRAMUNDO MUTUANDO, 2005 p. 25).

Este movimento se baseia nos saberes oriundos dos agricultores, mas para funcionar de forma correta é preciso que se pense uma maneira de interagir a natureza com as novas invenções, com a agricultura convencional, que veio para facilitar e aumentar a produção de alimentos.

A agricultura familiar "[...] é altamente integrada ao mercado, capaz de incorporar os principais avanços técnicos e de responder as políticas governamentais [...]" (ABRAMOVAY, 1992, p. 22). A agricultura torna-se então uma profissão, um trabalho por estar produzindo alimentos para o mundo.

A agricultura tradicional com suas dificuldades pode muitas vezes ser confundida com agricultura sustentável, porém ambas são bem diferentes, uma vez que para a produção ser considerada sustentável ela deve conter uma produção estável e utilizar dos recursos que são encontrados na propriedade, com o auxílio das práticas de manejo agroecológico e preservando assim a agricultura familiar (ALTIERI; NICHOLLS, 2000).

A agroecologia por si apresenta características bem distintas, pois preza os saberes que os agricultores possuem para que a produção de alimento de fato aconteça, uma vez que, a agricultura utiliza os princípios tradicionais dos camponeses, assim a “agroecologia entra, neste sentido, para fortalecer o desenvolvimento rural, fundamentando-se na perspectiva de "transformação da sociedade" para mudar as relações de produção no campo” (DUARTE, 2009, p.105).

Com isso a agroecologia busca um espaço na sociedade, que possibilitará a criação de vínculos com a população e os mesmos perceberam que o alimento agroecológico por não ter muitas vezes uma aparência perfeita, não deixa de ser um alimento saudável e saboroso.

Vale lembrar que agroecologia é uma prática que não utiliza agrotóxicos, apesar do uso de agrotóxicos ser cada vez mais estimulado que agricultor utilize. Vale destacar que não se é pensado nos riscos que podem vir a ocorrer com o uso do mesmo, riscos estes a saúde ao meio ambiente (MATA; FERREIRA, 2013).

Agora focaremos mais na parte da agroecologia a ser pensada para se trabalhar nas escolas e a agroecologia e as escolas do campo

1.4 ESCOLAS DO CAMPO E AGROECOLOGIA PENSADA PARA AS ESCOLAS DO CAMPO

No que diz respeito à educação dos povos do campo, a atual LDBEN traz alguns acenos significativos, prevê: currículos e metodologias diferenciadas visando a atender aos interesses e realidades do sujeito do campo; a organização própria do calendário escolar e sua flexibilização de acordo com as características locais e as necessidades do trabalho camponês.

Tais garantias estabelecidas pela LDBEN e em conformidade com a Constituição Federal de 1988, promove a luta por políticas públicas específicas a sua realidade e um modelo educacional que seja condizente com os anseios e preocupações dos povos camponeses, adequado às suas vidas e ao campo de modo específico, bem definido por Fernandes (2012, p. 744) como: “[...] o espaço de vida do camponês. É o lugar ou os lugares onde uma enorme diversidade de cultura camponesa constrói sua existência”.

Afirmando-se então, que o campo não seja um espaço exclusivo de produção agrícola, mas também de produção de vida, de sabedoria, de culturas diversas, de relações sociais e afetuosas. Um espaço onde a natureza e a história sejam devam ser respeitadas.

Então é neste contexto, de redemocratização nacional, que os processos históricos e políticos em defesa pela Educação do Campo ampliam-se e ganham força.

Na II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo em 2004, discute-se a necessidade da formação de licenciados em Educação do Campo, preparados para gerir os processos formativos e trabalhar de forma interdisciplinar, por área de conhecimento, respeitando as especificidades dos sujeitos camponeses. Este momento é perfeitamente descrito por Cardart:

A Educação do Campo não nasceu como teoria educacional. Suas primeiras questões foram práticas. Seus desafios atuais continuam sendo práticos, não se resolvendo no plano apenas da disputa teórica. Contudo, exatamente porque trata de práticas e de lutas contra-hegemônicas, ela exige teoria, e exige cada vez maior rigor de análise da realidade concreta, perspectiva de práxis. Nos combates que lhe têm constituído, a Educação do Campo reafirma e revigora uma concepção de educação de perspectiva emancipatória, vinculada a um projeto histórico, às lutas e à construção social e humana de longo prazo. Faz isso ao se mover pelas necessidades formativas de uma classe portadora de futuro. (CALDART, 2012, p. 262).

Desta forma, podemos afirmar que a Educação do Campo emergiu nos processos de lutas, com o objetivo de construir uma sociedade igualitária. Garantindo uma educação de qualidade com direito ao acesso e permanência nas escolas, baseada em suas particularidades. As temáticas de ensino ultrapassam o modelo urbano e capitalista dominante. Construindo uma proposta de ensino questionadora das contradições presentes na realidade, valorizando o desenvolvimento do raciocínio, da argumentação e da escrita, com vistas a garantir a estes

sujeitos subsídios que valorizassem a luta para manter seus territórios, seus trabalhos e suas identidades. E de acordo com a autora, ainda é considerado um conceito em construção,

[...] [que] nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, de cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana. (CALDART, 2012, p. 257).

Ou seja, não seria errôneo afirmar que a constituição da Educação do Campo não só surge, mas funde-se ao protagonismo dos Movimentos Sociais,

Uma vez que foram as batalhas pela transformação da realidade de ensino nas áreas de Reforma Agrária que protagonizaram a níveis nacionais as lutas pela educação dos trabalhadores rurais. Que historicamente permaneceram subordinados aos processos educativos urbanocêntricos, onde se buscava aumentar ainda mais a discrepante diferenciação entre o urbano e o rural. Ao tomarem consciência dos sujeitos do campo, admitiu-se então uma visão de campo como espaço de produção de história, de cultura e de saberes:

[...] concebe o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso e permanência na terra e para edificar e garantir um *modus vivendi* que respeite as diferenças quanto à relação com a natureza, o trabalho, a cultura e suas relações sociais. Esta concepção educacional não está sendo construída para os trabalhadores rurais, mas por eles, com eles, camponeses. Um princípio da Educação do Campo é que sujeitos da educação são sujeitos do campo: pequenos agricultores, quilombolas, indígenas, pescadores, camponeses, assentados e reassentados, ribeirinhos, povos de florestas, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, boias-frias. (Fernandes; Molina, 2004, p. 37).

Sabemos que toda esta luta pela Educação do Campo encontra respaldo na Constituição

Federal de 1988. Que assegura no artigo 205, a educação como “direito de todos e dever do Estado e da família [...], com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Já as especificidades da Educação do Campo são reconhecidas nos dispositivos legais como o artigo 28 da Lei 9394/1996 que autoriza medidas de adequação da escola às peculiaridades da vida rural. Igualmente, as “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo”, em seu artigo 5º, estabelece que as propostas pedagógicas das escolas do campo “contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia” (BRASIL, 2002, s./p.).

Esclareçamos então a rejeição do sistema capitalista a esta estrutura que emerge junto à Educação do Campo, para o modelo capital predominante na sociedade atual, escolas públicas, especialmente, escolas públicas do campo tem a função exclusiva de formar mão de obra, indivíduos de baixa criticidade que se destinem a empregabilidade necessária para fortalecer o capital. Em contraponto, a Educação do Campo busca a formação humana, social, reflexiva e emancipatória. Fomenta as relações de cooperação e produção no campo, estimulando a luta pelo direito ao território, as origens e culturas:

[...] a escola pode ser um território de dominação e reprodução do sistema hegemônico, mas, por outro lado, também é possível que se converta em lócus de construção de parâmetros e práticas contra hegemônicos. Tal como a propriedade da terra, a educação é um permanente campo de disputas e, portanto, de conflitos[...]. (BENINCÁ, 2013, p. 405).

Escolas Itinerantes são escolas públicas, ligadas a rede estadual e aprovadas pelos Conselhos Estaduais de Educação. Obrigatoriamente estão vinculadas a uma escola base, responsável pela parte burocrática e funcional. Registra-se que,

[...] a forma escolar itinerante está organizada de acordo com a organicidade do Movimento e do seu Setor de Educação em cada estado, e se apresenta com diferenças e singularidades.[...] Outra

questão a destacar é que, nas itinerantes no Paraná, está em curso uma experimentação pedagógica que retoma o diálogo com a experiência da escola soviética [...] A pedagogia socialista é um dos pilares da pedagogia do movimento e, desde o início das formulações das propostas para as escolas do MST, essa referência é estudada. (BABNIUK; CARMINI, 2012, p. 332).

Na Pedagogia do Movimento, explanado por Caldart (2012, p. 546), os movimentos sociais compreendem “um lugar, ou um modo específico, de formação de sujeitos coletivos que pode ser compreendido como um processo intensivo e historicamente determinado de formação humana”.

Os sujeitos envolvidos neste processo representam a contradição, são os sujeitos que “vivem” a transformação do modo de pensar através da prática. Caldart (2012, p.546) nos brinda com “a radicalidade da concepção de educação, pensando-a como um processo de formação humana que acontece no movimento das práxis: o ser humano se forma transformando-se ao transformar o mundo”.

Nos escritos de Caldart (2012, p. 550): “A luta social não tem um objetivo em si mesma [...] luta-se por que há situações que estão impedindo a vida humana ou a sua plenitude”. É na força coletiva que o movimento vislumbra seu êxito, construindo ações coletivas de formação dos sujeitos, acreditando no protagonismo efetivo e transformador neste processo de construção de uma sociedade igualitária. Em Freire (1983, p. 32) temos que, “Quem melhor do que os oprimidos se encontrará preparado [...] para ir compreendendo a necessidade de libertação? Libertação que não chegarão ao acaso, mas pela práxis de sua busca”.

Fomentar a autonomia dos sujeitos fazendo-os perceber que são peça fundamental para romper esta estrutura capital de opressores e oprimidos é uma das bases de todo o movimento em prol da Educação do Campo. Paulo Freire, com certeza foi o autor brasileiro que contribuiu e contribui à cerca destes debates. Suas reflexões sobre os sujeitos pertencentes as classes populares e que historicamente foram deixados à margem da sociedade capitalista, detentores de um saber não valorizado e nem considerado relevante, mostra a necessidade de construir-se um modelo educacional a partir destes conhecimentos. Contextualizando suas realidades a partir de seus modos de vida.

Observa-se que as Escolas Itinerantes apesar de apresentarem possibilidades de um sistema diferenciado de ensino, com relações mais solidárias, cooperativas e coletivas, ainda se encontram atreladas ao modelo das relações sociais capitalistas, estando de certo modo “refêns” deste modo de produção. Além disso, convivem diariamente com dificuldades na estrutura física e pedagógica devido à sua localização, mas que conseguem efetivar práticas concretas e sistematizadas, baseadas em saberes tradicionais como a Agroecologia que vai além do espaço escolar.

Estas práticas são capazes de promover o conhecimento científico agregado ao contexto local destes sujeitos e a garantia de que possam estudar em escolas do e no campo, permitindo aos educandos e a toda comunidade escolar uma valorização da sua cultura, dos seus saberes tão almejados pelos Movimentos Sociais e defensores das Escolas do Campo. Tornam-se uma “ameaça à ordem social”, no ponto de vista do Governo Estadual do Rio Grande do Sul, uma vez que as Escolas Itinerantes buscam a formação de sujeitos conscientes de seus direitos, críticos e politizados.

Percebe-se aqui, que diversos avanços foram conquistados ao longo destes cinco séculos no Brasil, porém observamos ainda que para cada avanço impõem-se um retrocesso. Sempre ditado por uma sociedade capitalista amedrontada com a ideia de que sujeitos oprimidos e subjugados passem a reivindicar direitos coletivos, a atuar política e criticamente diante da realidade.

A agroecologia é considerada como ciência ou campo de conhecimentos de natureza multidisciplinar, cujos ensinamentos pretendem contribuir na construção de estilos de agricultura de base ecológica e na elaboração de estratégias de desenvolvimento rural.

Silva (2004) definiu Educação do Campo como “toda ação desenvolvida junto aos povos do campo, [...] e fundamenta-se nas práticas sociais constitutivas dessas populações: os seus conhecimentos, habilidades, sentimentos, valores, modo de ser e de produzir, se relacionar com a terra e formas de compartilhar a vida”.

Considerando desta forma que o campo é um espaço de moradia e de trabalho, a educação do campo é pensada como uma educação que venha a valorizar os saberes dos povos do campo. Caporal (2009) argumenta que a agroecologia busca integrar estes saberes dos povos com a educação que vem sendo ensinada através do novo modelo de desenvolvimento da agricultura.

Tratamos aqui de um sinal importante no trilhar deste caminho: a entrada da agroecologia nas escolas de educação básica, Em diferentes lugares do país, crianças e jovens do campo se inserem em práticas que vinculam agricultura, educação alimentar, saúde e

diversidade cultural, exercitando formas de produção e de socialização que respeitam a vida, das plantas, dos animais, dos solos, das pessoas (CALDART, 2017).

No Brasil o poder do agronegócio de dificultar o avanço da agricultura camponesa agroecológica ainda é enorme. (CALDART, 2017, p.3), argumenta que

[...] a agroecologia faz bem para a educação. Sua progressiva entrada nas escolas do campo fortalece um caminho formativo muito importante, da desalienação do ser humano, que inclui compreender as contradições e novas possibilidades que existem em torno da atividade vital de produzir e consumir alimentos.

Destacamos desta forma que a agroecologia só vem para agregar, que sua entrada nas escolas, faz com que o ensino progrida, e fortalece a formação dos estudantes.

Vale lembrar que inserir a agroecologia na educação não significa antecipar nenhum grau de formação dos estudantes, ao contrário a agroecologia presente na escola exige uma formação mais ampla, sempre preservando a realidade da comunidade e a diversidade da natureza.

Neste próximo tópico relata um pouco sobre a questão da agroecologia e as escolas do campo.

Ao se tratar em escolas do campo devemos levar em conta um fato que se faz presente na maioria das escolas que é o fato da escola estar incluída no campo, porem não esta sendo trabalhado, a realidade do campo, a realidade em que a maioria dos estudantes estão inseridos. Desta fora os vínculos dos estudantes vão perdendo o espaço que lhe possibilitava trabalhar juntamente com a terra.

A escola do campo por sua vez, tem o papel de manter a cultura de comunidade rural presente. Recriá-la e significá-la, uma vez que “muitas pessoas passam a negar sua própria condição camponesa, influenciadas pela ideologia do campo como elemento de atraso sócio-cultural e econômico” (MACHADO, 2009, p.194).

A escola do campo é definida pela sua vinculação com o campo a realidade em que a maioria dos estudantes esta inserida, ela busca também os saberes que a sociedade ao seu redor possui para que possa contribuir no processo de construção dos conhecimentos dos estudantes.

Pode ser caracterizada também, como uma instituição que possui uma identidade própria e a qual

[...] é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade [...] (MEC, 2001, p.1).

Deste modo a educação do campo com o passar dos anos esta se adequando a realidade dos estudantes, facilitando assim uma educação de qualidade, voltada para a realidade, para vida da população do campo, uma educação que pense que se preocupe ainda com a questão da permanência, da realidade, dos problemas que a população vem enfrentando atualmente.

O próximo tópico que será visto vem tratar sobre os currículos, de que maneiras os mesmos podem trabalhar a agroecologia dentro das escolas do campo.

1.5: CURRÍCULOS E AGROECOLOGIA

Pensar em uma definição de currículo para a educação é uma questão a ser enfrentada, por que afinal o que é currículo?

O currículo é algo a ser pensado e planejado para atender as exigências do ensino e com ele buscar a compreensão dos conteúdos e assuntos que foram pensados para trabalhar nas salas de aula. Sacristan (2000, p.40), afirma que

“O currículo é o que tem atrás toda educação transformando suas metas básicas em estratégias de ensino. Tratá-lo como algo dado ou uma realidade objetiva e não como um processo no qual podemos realizar cortes transversais e ver como está configurado num dado momento não seria mais que legitimar de antemão a opção estabelecida nos currículos vigentes, fixando-a como indiscutível [...]”.

O currículo passa então a ser pensado como uma meta a ser pensada em que vá criar conceitos que venham a se relacionar com o meio cultural social e econômico dos estudantes e suas famílias.

Vários estudos apontam que a escola reforça a ideologia dominante por meio de sua proposta curricular. “Porém, o currículo e a escola não são apenas reprodutores, mas também produtores de uma contra ideologia que, pode romper com o bloco histórico e construir uma nova estrutura de poder” (SILVA, 2009, p. 3).

Para Silva (2009) um currículo e uma escola que buscam a libertação precisam socializar o conhecimento já acumulado e investigar a realidade social do aluno, estabelecendo dessa forma articulação entre o conhecimento e a realidade, o que vai viabilizar que se ampliem as possibilidades dentro da escola e do próprio aluno.

A materialização do currículo em sala de aula e/ou currículo na ação (SACRISTÁN, 2000) permite no educando o desenvolvimento do senso crítico, por meio da reflexão. Santos (2009, p.13) propala que,

[...] os conteúdos curriculares devem permitir que os alunos desenvolvam sua capacidade de argumentação, de questionamento, de crítica e sua capacidade de formular propostas de solução para problemas detectados. [...] é fundamental que o currículo trabalhe com habilidades que vão além do desenvolvimento cognitivo e envolvam diferentes campos da cultura, garantindo a presença de produções culturais dos mais diferentes grupos sociais e culturais, de tal modo que os estudantes sejam capazes de lidar com a diferença, valorizando e respeitando a cultura do outro, [...].

Deste modo, é fundamental que as escolas repensem seus currículos tornando-os mais abertos e comunicativos, visando a possibilitar que os educandos construam conhecimentos, de modo dialógico, a partir da troca de saberes e de informações. Haja vista que, o currículo é instrumento de construção de saberes.

Nota-se que o currículo tem um importante papel na educação, não apenas pelos conteúdos de ensino, mas também pela ideologia impressa nele e que orientará a formação do sujeito, a qual pretende ser dialógica, permitindo a compreensão de conteúdos científicos vinculados as práticas e pensamentos agroecológicos.

O currículo desta forma se faz de suma importância, por definir os conteúdos que serão trabalhados em sala, e também por permitir com que os professores incluam novos assuntos, estes que tenham uma relação com a vida dos estudantes que em sua maioria são oriundos do campo, local este aonde a escola esta inserida.

Neste próximo tópico será abordado sobre a agroecologia vir a ser como uma fonte de renda para o agricultor e sobre a importância da agricultura familiar.

1.6: AGROECOLOGIA COMO FONTE DE RENDA PARA A AGRICULTURA FAMILIAR

Entende-se por agricultura familiar o cultivo da terra realizado por pequenos proprietários rurais, tendo, como mão de obra, essencialmente, o núcleo familiar. Em 2015, a agricultura familiar era responsável por 80% da produção mundial de alimentos e por 90% das propriedades agrícolas.

A produção que o agricultor familiar apresenta como o resultado de muito esforço e trabalho em cima de sua terra e denominada de renda ou lucro. Não a pagamento de salários na produção familiar, todos trabalham juntos em busca de sustentação para a família.

O Estatuto da Terra (Lei 4.504 p.1), de 1964, define como propriedade familiar “o imóvel rural que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico [...]”.

Globalmente, não existe uma definição universal sobre agricultura familiar e em alguns países o conceito é bastante amplo no que se refere ao tamanho da propriedade e aos diferentes níveis de renda e de produção.

Sendo assim agricultura familiar é entendida na forma de aonde todo produtor possui um pedaço de terra e sobre ela produz alimentos que venham a gerar renda ou lucro a sua família.

Se a agricultura familiar já é considerada como uma forma de renda a família a agroecologia, se for adotada por essas famílias também pode vir a gerar algum tipo de renda ou lucro.

Conforme assegurava Kageyama (2001) a renda não derivada do trabalho, como a aposentadoria rural, mas que era importante para a sobrevivência das famílias agrícolas.

Sendo assim a agroecologia busca por preservar e cultivar a terra através das mãos dos produtores.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi abordada de forma qualitativa, pois busca explicar o porquê das coisas, nesta pesquisa o pesquisador é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de sua pesquisa, o objetivo é o de produzir informações aprofundadas sobre o conhecimento a ser pesquisado.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com os aspectos da realidade, segundo Minayo (2001), a pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes dos sujeitos pesquisados.

A proposta metodológica do trabalho será de abordagem qualitativa, pois não visa a quantificação dos dados, mas a qualificação dos mesmos, na compreensão, descrição e explicação dos acontecimentos e/ou fenômenos. Nas palavras de Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), a pesquisa qualitativa objetiva os “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Com base nesses princípios, afirma-se que a pesquisa qualitativa tem um caráter exploratório, uma vez que estimula o entrevistado a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão. Na pesquisa qualitativa, os dados, em vez de serem tabulados, de forma a apresentar um resultado preciso, são retratados por meio de relatórios.

Essa pesquisa também foi aplicada na forma de cunho exploratório e descritivo, visando a estabelecer relações entre as variáveis, apresentar subsídios e informações que sirvam na proposição e execução de ações capazes de transformar a realidade.

Santos (2002) ao discorrer sobre as classificações das pesquisas científicas declara que a pesquisa acadêmica, de caráter pedagógico, visa a despertar a busca autônoma e intelectual, combinada com o método. Em geral, ela é uma pesquisa aplicada, pois além de produzir conhecimentos, aplica-os em situações concretas.

Por seu turno, Gil (2008) explica que a realização de pesquisas de caráter exploratório-descritivo, são as mais usuais entre aqueles que se preocupam com a atuação prática. As pesquisas exploratórias proporcionam “maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. As pesquisas descritivas se interessam por descrever as características do objeto estudado, quer seja uma determinada população ou fenômeno; essa descrição, permite estabelecer relações entre variáveis.

Outro método de pesquisa utilizado neste trabalho foi, a pesquisa bibliográfica, a qual é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2008). A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meio escritos ou eletrônicos (FONSECA, 2002).

A pesquisa é caracterizada como uma pesquisa qualitativa e de cunho exploratório e descritivo. Os instrumentos utilizados para elaboração desta pesquisa foram questionários com questões abertas e fechadas, para a elaboração das questões foram feitas leituras de textos, revistas e artigos sobre a agroecologia. O desenvolvimento da pesquisa foi feita em

três momentos, o primeiro foi a elaboração de boa parte da fundamentação teórica e a partir dela foi elaborado os questionários. O segundo momento foi a conversa com as escolas e a partir disso a entrega dos questionários para os gestores das escolas e do município. O terceiro momento foi a transcrição dos dados, foi a parte mais difícil do trabalho todo. Mas depois de muito esforço consegui construir a mesma.

3. ANÁLISE E DISCUÇÃO DOS DADOS

Os dados foram coletados através de questionários, aplicados aos gestores das escolas, servindo como uma ferramenta fundamental para a obtenção de respostas que deram um sentido mais amplo ao trabalho.

A pesquisa foi realizada nas únicas duas escolas municipais do campo, localizadas no interior do município de Erval Grande/RS. Essas escolas oferecem educação infantil e ensino fundamental do 5º ao 9º ano, correspondendo, respectivamente aos anos iniciais e finais dessa etapa educativa.

A primeira escola está localizada na comunidade de Pinhalzinho, interior do município, possui um espaço amplo interno com horta, parque infantil e pátio aonde as crianças têm disponibilidade de uso nos intervalos. Internamente possui uma biblioteca, laboratório de Ciências, cinco salas de aula, banheiros cozinha, refeitório, sala da direção. É uma escola bem estruturada, possui 86 alunos e este número vem diminuindo a cada ano, um dos fatores é o êxodo rural, onde os moradores estão deixando o campo e indo morar na cidade.

A outra escola está localizada na comunidade de Secção Sete de Setembro, interior de Erval Grande. Possui 80 alunos. Seu espaço interno corresponde a uma horta, parque infantil, e um amplo pátio do uso de todos tanto professores como alunos. Seu interno externo corresponde a uma biblioteca, sala de vídeo conferência e sala de informática, quatro banheiros do uso de alunos, sendo um destinado as crianças do ensino fundamental 1 e outro para as crianças com necessidades especiais. Possui cozinha, despensa, lavanderia, sala de atividades multisseriadas para alunos com necessidades especiais, sala dos professores, sala da direção e refeitório. É uma escola bem estruturada, trabalha com alunos do ensino fundamental 1 e 2. Do pré ao nono ano, nos turnos da manhã e da tarde.

As pessoas que foram selecionadas para responderem os questionários são os gestores das escolas e do município, os quais estão identificados na tabela abaixo:

Gestor	Sigla	Sexo	Idade	Área de Formação
Gestor 1	G1	Feminino	30-40 anos	Não possui
Gestor 2	G2	Feminino	40-50 anos	Biologia
Gestor 3	G3	Masculino	30-40 anos	História

Fonte: Autoria própria

Ao pensar na construção das questões levou-se em conta alguns assuntos importantes os quais são a agroecologia, escolas do campo, currículos escolares e pontos estes que serão observados e abordados na análise das questões a seguir.

Para analisar as questões, após uma pré-análise, foram criadas os seguintes tópicos: importância da escola no campo, pensamento agroecológico e agroecologia e currículo escolar,

IMPORTÂNCIA DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DO CAMPO

Nesta categoria, buscamos apreender como os respondentes percebem a importância da escola localizada no campo, quer para os alunos, quer para pais, professores e comunidade em geral. Durante a pré-análise, percebemos que essa importância é o elemento primordial, pois desvela a preocupação com a educação dos povos do campo impressa pelos respondentes da pesquisa.

Iniciamos a análise buscando relações com os anseios de escolarização da população do campo, declarados por Kolling, Cerioli e Caldart (2002, p.19): “a educação compreende todos os processos sociais de formação das pessoas como sujeitos de seu próprio destino”, por isso se relacionará com a cultura, os valores, o modo de produzir, com a participação social e a formação para o trabalho no campo.

Os gestores percebem essa importância por facilitar o acesso à escola, melhorar as relações sociais, permitir o direcionamento do ensino para o trabalho com a área agrícola, de modo amplo, possuir grande parte dos alunos provenientes do meio agrícola e com afinidade para desempenhar as atividades nesse meio, facilitando assim, a compreensão de novos conteúdos ou atualidades.

Para G1 “A escola estando no meio rural proporciona um trabalho amplo na área agrícola, ou seja, por possuir grande parte dos estudantes provenientes desse meio os professores podem balizar em um aprendizado mais local”. Contudo, o termo área agrícola é amplo e vago, pois há formas concorrentes de produção e desenvolvimento rural. Assim (CAPORAL, 2009), afirma que a agroecologia busca a integração dos saberes que são ensinados com o novo modelo de desenvolvimento da agricultura.

Em G2, as únicas importâncias da escola no campo são: “Facilidade para desenvolver as atividades; melhora e facilita o entrosamento entre pais, alunos, professores e comunidade”.

Para Wizniewsky, (2010), a escola localizada no campo é mais que um espaço de escolarização, ela se referencia a sociedade, a comunidade aos pais e professores na busca por conhecimentos. Fazendo desta forma com que a sociedade valorize o seu espaço.

A primeira importância é porque a escola no campo, próxima ao local de vida dos educandos é um direito. Caldart (2004, p. 149-150), relembra que, o termo *educação no campo* é utilizado para indicar que “o povo tem direito a ser educado onde vive”. Ademais, o uso do termo *educação do campo*, indica que “o povo tem direito a uma educação pensada

desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais”. É assim que a autora diferencia educação do/no campo.

O direito dos povos do campo de serem educados em seu lugar de vida, tendo a sua educação pensada desde esse lugar e protagoniza-la, a partir de sua cultura e de suas necessidades sociais e humanas, foi reafirmado pelo Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que instituiu a política de educação do campo.

As Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo, criou no Art. 2 um parágrafo sobre a identidade da escola do campo que diz que

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (MEC, 2001,p.1).

Com isso entendemos que a escola do campo trabalha com vínculos sobre a realidade local e com os saberes que os alunos possuem, o que é um grande avanço na educação.

Por seu turno, G3 declarou que a importância da escola no campo é porque: “Os alunos possuem afinidades nas áreas e cultivos agrícolas, o qual facilita na compreensão de novos conteúdos ou atualidades”.

A visão de G1 e G3 tem elementos parecidos, o trabalho com a área agrícola. É o direcionamento dado pelos professores e as afinidades dos educandos com essa área que facilita a compreensão de novos conteúdos ou atualidades.

Contextualização vem do termo contexto, e que pode ser entendido como um conjunto de idéias dentro de um determinado texto (BUENO, 1996). Isto facilita na problematização dos conteúdos, e a expor as idéias sobre os conteúdos que são trabalhados auxiliam no aprendizado.

Segundo Ausebel, aprender significa ampliar idéias já existentes e com isso relacionar a novos assuntos. Para ele ensinar sem levar em conta o que o aluno sabe é um esforço em vão. Pois o novo conhecimento que ele vem a aprender, só vem a agregar em seu processo de construção do conhecimento.

Ausebel afirma ainda que outro desafio é tornar a escola um ambiente motivador, tanto de aprendizagem como um espaço que venham a motivar o aluno a continuar freqüentando a escola. █

Uma constelação das respostas dos gestores pode ser construída. Assim, a escola proporciona um trabalho com a agricultura de modo amplo a partir do local de inserção, além de facilitar a compreensão dos conteúdos de ensino novos e atuais. Novamente não se pode afirmar muito, produzir um trabalho a partir do local pode indicar tanto um trabalho com a agricultura capitalista como com a agroecologia. O termo amplo, não é sinônimo de que as duas formas de produção agrícola estão presentes no ensino escolar. Tampouco, que essa inserção ocorre de maneira a problematizar a realidade e promover a liberdade desalienada, como indica Freire (1991).

Pode-se realizar um trabalho com agricultura moderna em pequenas propriedades, mesmo com as exortações de Mohr (2014) acerca da agroecologia ser considerada propícia para a produção agrícola nas propriedades familiares, características do entorno escolar.

Ao vislumbrar as respostas em termos de um conjunto com todos os elementos, podemos declarar que as escolas municipais do campo de Erval Grande são importantes para os estudantes, professores, pais e comunidades, por permitem locomoção facilitada, melhorar o processo de ensino e aprendizagem, qualificar as relações pessoais, familiares e sociais. São elementos importantes, mas ficaram lacunas sobre a orientação da produção agrícola que é dada pela escola, bem como se é de modo a problematizar a realidade em buscas de soluções para os problemas locais (CARVALHO, 2004).

Os elementos descritos em conjunto são importantes. Contudo, estão ausentes elementos como manter a cultura de comunidade campestre presente. Recriá-la e significá-la (MACHADO, 200); desenvolver a capacidade dos sujeitos de questionar a sua realidade, de pensar em soluções para os seus problemas diários (SANTOS, 2009), entre outros, que definem a identidade da escola, seu compromisso com as questões inerentes à sua realidade, aos saberes próprios dos alunos, com a memória coletiva, a participação dos movimentos sociais (BRASIL, 2002).

Os anseios sociais desvelados pelo conjunto se coadunam com os de Kolling, Cerioli e Caldart (2002). Embora o termo direcionar para um trabalho na área agrícola seja amplo, está em consonância com a realidade concreta. Afinal, é uma área de produção agrícola, independentemente de qual tipo de agricultura prevaleça. Temos hoje modelos de produção agrária concorrentes, que precisam ser trabalhados pela escola para que o sujeito possa tomar decisões conscientes, acerca do desenvolvimento científico e tecnológico, de maneira fundamentada e crítica. Isso representa uma formação da pessoa para que seja sujeito de seu próprio destino.

Por isso, compreendemos que as escolas municipais do campo que foram estudadas, especificamente para os anos finais do ensino fundamental, proporcionam uma formação básica aos estudantes como previsto no Artigo 32 da LDBEN/1996, mas não assumiram o papel de manter a vida da comunidade, pois os elementos ausentes desvelam que a identidade dela ainda precisa ser construída. Construção é processo, está sempre em movimento. Por isso, a identidade escolar não é algo pronto, acabado, fechado.

Destacamos que, a construção dessa identidade não depende só dos gestores e professores. Ela também depende dos alunos, dos pais e da comunidade em geral. Os movimentos sociais também precisam participar. É uma identidade que se constrói a cada dia, sempre voltada aos conhecimentos históricos para compreender o presente e permitir que o sujeito tenha uma formação adequada e se aproprie como construtor de sua própria educação.

Enfatiza-se que, em nenhuma das respostas os movimentos sociais estavam presentes. Pedimos a atenção para esse fato, pois há críticas contundentes de que as escolas do campo devem ter sua formação integral voltada ao trabalho com o campo, mas também deve ter a participação dos movimentos sociais (BRASIL, 2002). Embora na escola existam os conselhos participativos que envolvem pais e professores, *os movimentos sociais de trabalhadores e trabalhadoras do campo* também precisam ocupar o seu lugar na escola.

A ausência de respostas que indiquem a presença dessas organizações sociais nas escolas pode denotar que a *luta por uma educação do campo*, nas escolas estudadas, continua apenas no plano teórico. Retomemos os dizeres de Caldart (2009) a educação do campo nasceu como crítica prática e contraponto à educação rural. Assim, é necessário praticar, não apenas teorizar e criticar. E a prática se faz ocupando o latifúndio escolar.

É a partir dessa análise sobre a importância da escola que conduziremos as demais. Dela, se nota a possibilidade da presença conjunta de duas ideologias como nos apontou Souza (2012) nos referenciais teóricos. Podem coexistir as ideologias da educação do campo e a da educação rural. Bem como, pode prevalecer somente uma delas.

Para as demais análises, precisamos da identificação da Agroecologia, que será abordada no próximo tópico.

O PENSAMENTO DOS GESTORES SOBRE AGROECOLOGIA

Esta categoria de análise visa a apreender o que pensam os gestores sobre a agroecologia, permitindo assim melhor compreensão das demais categorias relacionadas com o tema e de sua inserção no currículo escolar das escolas estudadas.

Dessa maneira, entender o que sabem sobre produção agroecológica é essencial. Buscamos respostas para 5 questões nesse conjunto. A primeira se refere à seguinte questão: “Na sua opinião, qual das imagens abaixo pode ser considerada uma horta agroecológica”. As imagens apresentadas (Figura 1) ilustram: uma horta convencional (à esquerda) e uma horta agroecológica (à direita).

Figura 1 – Diferenças entre as hortas convencional e agroecológica



Fonte: [HTTPS:// BR.pinterest.com](https://br.pinterest.com)> horta

As repostas obtidas correspondem a *primeira imagem*, que é de uma horta convencional como aquela em que o cultivo é agroecológico. Entretanto, a imagem correta é a da horta rústica, com cobertura de solo e com ervas daninhas. Ao analisar a questão foi possível perceber que os gestores não reconhecem a horta agroecológica, passando a dialogar sobre ela a partir da horta convencional.

Da fundamentação teórica temos que, a cobertura de solo traz benefícios para a planta e ao solo. Comumente denominadas de *plantas de cobertura* ou *culturas de cobertura*. É uma nomenclatura recente que designa diferentes espécies de *adubos verdes* em uso para a formação da camada de palha para a cobertura do solo (CALEGARI, 2014).

As ervas daninhas têm função em muitos casos como cobertura de solo. Elas crescem em meio a outras plantas, protegendo algumas espécies do calor do sol e auxiliam nos campos agrícolas (SILVA, 2007; BUNTING, 1960).

Em geral, as pessoas ainda apresentam dúvidas acerca da identificação correta de cultivo agroecológico. Foi perceptível que os gestores dialogam sobre os modelos de horta convencionais.

Meirelles e Rupp (2014) chamam a atenção para o fato de que, em qualquer sistema de produção convencional, incluindo a horta, há o uso de defensivos agrícolas, mais conhecidos

como agrotóxicos. Por sua vez, o sistema orgânico dispensa o uso de qualquer agroquímico, pois preza pela relação entre o solo a planta e o meio ambiente.

A segunda questão, era de alternativas de múltipla escolha e visava entender o significado de agroecologia: “Qual das alternativas a seguir corresponde ao significado de agroecologia? () agroecologia é uma ciência que norteia os sistemas orgânicos de produção; () É uma prática agrícola ou um sistema de produção; () é uma ciência que apresenta princípios e metodologias que tem como única finalidade a de analisar e estudar a produção”.

Os três gestores apontaram que o significado é que *a agroecologia é uma ciência que norteia os sistemas orgânicos de produção*. Essa questão foi construída com base nos escritos de Saminês *et al.* (2007, p. 18, grifos dos autores),

O que é agroecologia?

Agroecologia é a ciência que apresenta uma série de princípios e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar sistemas de produção de base ecológica (agroecossistemas), mas não é uma prática agrícola ou um sistema de produção. É uma nova abordagem que integra os conhecimentos científicos (agronômicos, veterinários, zootécnicos, ecológicos, sociais, econômicos e antropológicos) aos conhecimentos populares para a compreensão, avaliação e implementação de sistemas agrícolas com vista à sustentabilidade.

Qual a relação entre agroecologia e agricultura orgânica?

Em termos simples, agroecologia é a ciência que norteia os sistemas orgânicos de produção, ao passo que a agricultura orgânica é a aplicação prática dos conhecimentos gerados pela agroecologia e abrange todas as linhas de base ecológica, como biodinâmica, natural, conservacionistas.

Como se nota na citação, a primeira alternativa se refere a relação existente entre agroecologia e agricultura orgânica. Assim, um significado de agroecologia pode ser o de “ciência que norteia os sistemas orgânicos de produção”. Encontra-se também na citação, que a agroecologia “não é uma prática agrícola ou sistema de produção”, bem como há diversas finalidades listadas não se limitando a unicamente analisar e estudar a produção (*idem, ibidem*, p. 18).

Desta maneira, notou-se que mesmo escolhendo a horta convencional, os três gestores indicaram um significado amplamente aceito para agroecologia.

Na terceira questão, buscou-se repostas para: “O equilíbrio biológico é caracterizado como: () um ambiente natural; () é a condição fundamental para a sustentabilidade dos sistemas orgânicos de produção, no tempo e no espaço; () é um manejo realizado pelo homem, para que ocorram boas relações entre os organismos vivos, o homem e o meio ambiente”.

Nenhum dos gestores considerou como característica do equilíbrio biológico o ambiente natural. G1 e G2 afirmaram que o equilíbrio biológico *é a condição fundamental para a sustentabilidade dos sistemas orgânicos de produção, no tempo e no espaço*, e G3 afirmou que *é um manejo realizado pelo homem, para que ocorram boas relações entre os organismos vivos, o homem e o meio ambiente*.

As alternativas para essa questão foram construídas com base em diversos autores. Iniciamos as exposições sobre as respostas que foram dadas por G1 e G2, que constam em Saminês *et al.* (2007, p. 24, grifos dos autores),

O que é equilíbrio ecológico?

Equilíbrio ecológico é o estado ou condição de um ambiente natural, ou manejado pelo homem, em que ocorrem relações harmoniosas entre os organismos vivos e entre estes e o meio ambiente, ao longo do tempo. É uma condição fundamental para a sustentabilidade dos sistemas orgânicos de produção, no tempo e no espaço.

Na citação consta que, o equilíbrio ecológico é considerado “[...] condição fundamental para a sustentabilidade dos sistemas orgânicos de produção, no tempo e no espaço”, que foi a alternativa escolhida por G1 e G2. Assim, nota-se que os dois gestores consideram que o equilíbrio biológico é o equilíbrio ecológico. Consta também que, que o equilíbrio ecológico pode ser manejado pelo homem, com o objetivo de promover “relações harmoniosas entre os organismos vivos e entre estes e o meio ambiente” (*idem, ibidem*, p. 24), assim, G3 também considera que o equilíbrio biológico é o próprio equilíbrio ecológico.

Existem diferenças entre o equilíbrio biológico e o ecológico, como podemos observar no que diz um site do ensino de biologia, em “equilíbrio ecológico, estamos falando sobre uma relação estabelecida entre os organismos e que são vitais para a manutenção dessas espécies.” Afirma ainda que “o equilíbrio biológico é um mecanismo dinâmico que ocorre em um ecossistema pelo qual os organismos (espécies) se interagem e se adaptam uns aos outros.” com isso percebemos que eles se distingas com isso a resposta dada pelo G3, está errada, pois ambos são diferentes.

Foi possível notar que nenhum dos respondes acertou a alternativa

Na quarta questão, inquerimos sobre o manejo agroecológico e os resultados positivos que dele decorrem. Assim, buscamos repostas para: “Quais são os bons resultados que podem ocorrer no meio ambiente com o manejo agroecológico?”.

As respostas foram: G1 - *O manejo agroecológico favorece a produção de um alimento mais saudável e nutritivo, além de que o manejo nesse sistema favorece a atividade dos organismos do solo, além de que o uso de leguminosas como adubação verde incorpora uma boa parte de nitrogênio no solo, melhorando o desenvolvimento das plantas*; G2 - *Devemos preservar a natureza fazendo manejo agroecológico, e só assim a natureza agradece*; G3 - *Como ocorre a redução da utilização de produtos químicos, os alimentos/a produção será de melhor qualidade proporcionando uma vida melhor às pessoas envolvidas*.

Das respostas obtidas temos que, o manejo favorece a produção de alimento mais saudável, pois prioriza o ambiente natural na produção. O cuidado com o solo favorece a atividade dos organismo e nutrientes presentes nele, com adubação verde e fixação do nitrogênio necessário ao desenvolvimento das plantas. Há redução de produtos químicos, aumentando a qualidade do alimento produzido. Isso proporciona melhor qualidade de vida para as pessoas envolvidas e preservação da natureza.

Ao discorrer sobre a adubação verde, Callegari (2014) advoga sobre sua importância no processo de produção agrícola, ao favorecer a qualidade de solo e, conseqüentemente, a produção. Algumas plantas podem ser utilizadas como cobertura de solo como, por exemplo, as leguminosas, que o tornam mais rico em nutrientes e implementam o nitrogênio na terra. Esse processo influencia e qualifica o desenvolvimento de plantas (TESTA, 1992; GALLO; BASSO, 2013).

Dessa maneira, a adubação verde e o uso de leguminosas como cobertura de solo, influenciam na produção de alimentos mais saudáveis, ausente de agrotóxicos em todas as etapas de desenvolvimento. O que denota que a resposta de G1 é condizente com nossos referenciais teóricos.

Silva (2005) relembra que, o uso dos agrotóxicos não se restringe à produção de alimentos, mas abarca diversas áreas e, com ele, vincula-se o uso de fertilizantes e outros produtos químicos produzidos em laboratório. Meirelles e Rupp (2014) complementam, que este uso é comum na produção agrícola convencional.

Enfatiza-se que, na produção agroecológica, os produtos/alimentos são considerados saudáveis e isentos de agroquímicos. Não ocorre somente a redução, como denotado por G3. Assim, a alimentação saudável e livre de agroquímicos constitui a proteção da saúde e qualidade de vida (BRASIL, 1999).

A resposta de G2 condiz com os dizeres de Norgaard (1989), ao afirmar que a preservação da natureza é um dos elementos desejáveis ao manejo agroecológico.

O gestor G3 não inclui a sociedade como um todo em sua resposta. Para ele, a agroecologia só beneficia as pessoas envolvidas com ela. Sua resposta, pode ser contestada por Padovan (2014), por exemplo, ao defender que a agroecologia beneficia o meio ambiente e todas as pessoas. Assim, podemos notar que os benefícios não são somente para as pessoas envolvidas, isto é, os produtores e os consumidores dessa produção.

Na quinta e última questão desse conjunto, buscamos respostas pautadas na opinião dos gestores a respeito agroecologia e suas relações econômicas para os produtores, tendo a seguinte pergunta: “Na sua opinião, a agroecologia pode ser uma fonte de renda lucrativa para o produtor? Justifique.() Sim() Não”.

Notou-se que os gestores têm opiniões diversas sobre agroecologia ser renda e possibilitar lucro ao produtor. Para G1 e G2 ela é fonte de renda e pode ser lucrativa. Mas G3 discorda disso.

As repostas obtidas foram: G1 – *Sim, pois com o manejo agroecológico os nutrientes que são utilizados para as plantas vem do próprio meio, fazendo com que não haja o uso de agroquímicos e adubos sintetizados em laboratório*; G2 – *Sim, porque além de ter menos gastos oferece alimentos saudáveis, e que são mais difíceis de se encontrar no mercado*; G3 – *Não, a agroecologia é uma produção de subsistência, ou seja, visa em suprir as necessidades dos produtores, sua família e comunidade em que está inserida, porém, pode visar lucros. Além de suprir a necessidade familiar também pode ser uma opção de renda. Pode ser utilizada como fonte de renda. Os benefícios a saúde são uma importância, pela utilização apenas de produtos orgânicos proporcionando uma vida mais saudável as pessoas usufruírem de hortas agroecológicas.*

Depreende-se das respostas de G1 e G2 que, a agroecologia é uma fonte de renda que pode visar lucros porque reduz os custos com a produção de alimentos. Para G1, o manejo agroecológico é isento de agroquímicos e se pauta no ambiente natural para a produção. Com isso, os alimentos produzidos serão mais saudáveis. G2 comenta sobre as dificuldades de encontrar produtos agroecológicos no mercado.

Do Instituto Giramundo Mutuando (2005, p.20) destacamos que, a agroecologia promove a produção de alimentos de alta qualidade, mantendo a produtividade da terra, respeitando a natureza e ampliando “a diversidade de produtos para o consumo da família e para o mercado e de gerar mais renda para as famílias agricultoras”. O que indica que ela pode ser lucrativa.

Nas publicações do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES, 2007) constam que, geralmente, a comercialização dos produtos agroecológicos é

feita diretamente ao público, não passando por feiras ou comércios. Para o alimento agroecológico ser aceito ele precisa antes ter um certificado de produção, além de adequar o preço ao bolso do consumidor (BRANDENBURG, 2002).

A sua vez, G3 afirma que a agroecologia não é fonte de renda e não visa lucros por ser uma produção de subsistência. Denota-se de suas respostas que ela poderá ser assumida como fonte de renda e ser lucrativa, mas somente após suprir as necessidades próprias, familiares e da comunidade de inserção. Há novamente a ênfase sobre o benefício às pessoas envolvidas, contudo, nota-se uma restrição: os benefícios à saúde, que proporcionam uma qualidade de vida mais sadia, são apenas para o consumo de produtos orgânicos e para as pessoas que usufruírem de hortas agroecológicas.

O PENSAMENTO DOS GESTORES SOBRE A ESCOLA DO CAMPO

Esta categoria de análise visa a apreender o que pensam os gestores sobre a escola localizada no campo, permitindo assim melhor compreensão das demais categorias relacionadas com o tema e de sua inserção no currículo escolar das escolas estudadas.

Dessa maneira, buscamos respostas para a seguinte questão: “Qual é a importância da escola localizada no campo para os estudantes, pais e comunidade em geral?”.

As respostas são: G1 - *A escola estando no meio rural proporciona um trabalho amplo na área agrícola, ou seja, por possuir grande parte dos estudantes provenientes desse meio os professores podem balizar em um aprendizado mais local*; G2 - *Facilidade para desenvolver as atividades; Melhora e facilita o entrosamento entre pais, alunos e profes e comunidade*; G3 - *Os alunos possuem uma afinidade nas áreas e culturas agrícolas, o qual facilita na compreensão de novos conteúdos ou atualidades do meio*.

Nas análises percebemos que nem todos os alunos das escolas estudadas são do meio rural, como aponta a resposta de G1, uma grande parte provém desse meio. Nota-se que o trabalho está voltado para a área agrícola, de modo amplo. Entendemos que, isso inclui as produções convencionais e agroecológicas, algo que G3 afirma ser parte do cotidiano dos alunos, expressando por meio de *os alunos possuem uma afinidade nas áreas e cultivos agrícolas*.

Assim, para os alunos, uma importância que se depreende das respostas é que o aprendizado de novos conteúdos ou atualidades é facilitado com o trabalho mais amplo na área agrícola, principalmente nas produções intrínsecas às comunidades (*aprendizado mais local*—G1).

Outra importância reside na melhoria das relações sociais, não se limitando aos alunos, mas inclui alunos, pais e a comunidade, como informou G2.

Denota-se que, a própria escola é beneficiada, o desenvolvimento das atividades escolares é facilitado (G2) e os professores podem desenvolver seu trabalho a partir do local de inserção da escola.

Como argumenta Machado (2009), a escola localizada no campo tem o papel de manter a cultura de comunidade rural presente e seus saberes populares. Além de permitir que as pessoas deixem de negar sua condição social de produtor rural, ao serem influenciadas pelos pensamentos de que o campo é um atrasado.

A identidade da escola é definida pela sua vinculação com o campo, com a realidade em que a maioria dos estudantes está inserida. Neste caso, a realidade é com a área agrícola de modo amplo. Fazem parte dessa identidade, os saberes da comunidade e dos próprios alunos. Desta forma, a escola pode ser caracterizada como uma instituição pois possui identidade própria e local (BRASIL, 2002).

Das respostas dos gestores temos que, a escola localizada no meio rural tem grande importância na vida dos alunos, pais e de toda a comunidade. Permitem, aos alunos perceberem como acontece a produção agrícola presente em seu entorno.

O PENSAMENTO DOS GESTORES SOBRE AS ATIVIDADES ESCOLARES E A REALIDADE DOS ALUNOS

Esta categoria de análise visa a apreender o que pensam os gestores sobre as relações entre o que é ensinado na escola e a realidade dos alunos, incluindo a agroecologia.

Dessa maneira, buscamos respostas duas questões. A primeira foi a seguinte: “Qual é a relação do conhecimento abordado em sala de aula, que se faz presente na realidade de vida dos povos do campo?”.

As repostas foram: G1 - *Tenta-se de forma clara e objetiva estabelecer uma relação entre o conteúdo exposto em sala de aula e a realidade de cada estudante na instituição escolar*; G2 - *Nem sempre o que é trabalhado na sala de aula tem a ver com o povo do campo*; G3 - *Mostra como um pequeno produtor pode possuir sua produção independente, a qual supre suas necessidades sem a utilização de produtos químicos*.

Observa-se nas repostas que, a estratégia de ensino adotada para relacionar o conteúdo escolar e a realidade é a aula expositiva (G1). As declarações de G2 sobre nem sempre o conteúdo abordado ter relações com a realidade, permite-nos compreender o termo “*tenta-se*”

(G1). Podemos apreender que o contexto não é o campo, a realidade. A escola trabalha a partir de outros contextos, para que o aluno possa compreender a própria realidade.

A resposta de G3 parece centrar a produção agroecológica, quando desejávamos compreender o trabalho escolar como um todo. Nota-se nela, que há uma meta estabelecida, voltada ao pequeno produtor: mostrar elementos presentes em sua realidade.

Essas respostas nos levam as afirmações de Sacristán (2000, p.40), ao se referir que: “O currículo é o que tem atrás toda educação transformando suas metas básicas em estratégias de ensino”.

A leitura conjunta das repostas dos três gestores nos permitem vislumbrar as metas básicas e sua transformação em estratégias de ensino: mostrar elementos presentes na realidade a partir da exposição do conteúdo, de modo claro e objetivo.

Retomando Sacristán (2000, p.40) temos que, o currículo pode “legitimar de antemão a opção estabelecida nos currículos vigentes, fixando-a como indiscutível”. Por isso, há duas maneiras de compreendê-lo. Na primeira, há legitimação, pois, o currículo é visto como algo dado ou uma realidade objetiva. Na segunda, não há legitimação, pois, o currículo é entendido como um processo, pois nos permite “realizar cortes transversais e ver como está configurado num dado momento”.

As respostas dos gestores nos indicam uma compreensão de currículo como algo dado, com realidade objetiva. Retomando outros trechos das análises, a realidade anunciada pelos gestores é a de uma área agrícola de modo amplo. Por isso, a intenção não é o aprofundamento dos conteúdos, mas a formação básica estabelecida na LDBEN/1996.

A segunda questão, vinculada a este pensamento está diretamente relacionada com a agroecologia. Assim, investigou-se: “De que maneira a agroecologia pode ser trabalhada em sala de aula, vinculando os saberes que os alunos possuem?”.

As repostas foram: G1 - A maneira que a agroecologia pode ser trabalhada em sala de aula, vinculando os saberes que os alunos possuem é: *G1 – A agroecologia por ser uma técnica muito antiga aplicada desde o início da agricultura é muito importante para uma agricultura mais sustentável, sendo assim, a grande maioria dos produtores seja eles familiares ou de mercado, possuem em sua propriedade uma pequena área para produção de alimentos para o próprio consumo livre de agrotóxico, nesse contexto pode se dizer que a boa parte dos alunos que residem no meio rural possuem uma ideia de como é a produção e sistemas agroecológicos, seja a reutilização de nutrientes, a adubação verde, utilização de caldas etc, esse conhecimento que o aluno possui com o que o professor tem à oferecer faz com que aja uma correlação muito importante.*; G2 – *Dar apoio e importância no cotidiano*

dos alunos, Incentivar à prática da agroecologia; G3 – Uma boa opção seria abordar de forma mais completa o conteúdo de agroecologia e um bom incentivo para os agricultores.

As respostas de G1 apresentam elementos sobre a história da agroecologia e da agricultura, como nos apontou diversos autores, dentre eles Hech (2002), ao afirmar que o termo agroecologia tem seu uso intensificado a partir de 1970, mas sua prática é tão antiga quanto a da própria agricultura. Considera o campesinato e sua história (MARQUES, 2008; CARVALHO, 2007). Reafirma sobre a ausência de agroquímicos nessa produção e que são saberes próprios dos povos do campo, manifestados em muitos alunos. Por isso, a importância de incentivar à prática agroecológica, já que faz parte do cotidiano dos alunos(G2). O incentivo poderia ser melhorado com abordagem completa do tema (G3).

São respostas extremamente relevantes, principalmente quando aponta para o conhecimento que o professor possui. Contudo, aceitamos nos dias de hoje que o conhecimento é construído pelo aluno, logo, o professor não oferece conhecimentos ao aluno. Prepara situações de aprendizagem para que o aluno se mobilize, assumindo o desafio de aprender como seu. Esse é o conhecimento que o professor deve oferecer ao aluno (CHARLOT, 2000; MEIRIEU, 1998).

Nota-se que, no pensamento dos gestores, o currículo é algo dado, com realidade concreta da moderna agricultura capitalista, mesmo abrindo espaços para a inserção da agroecologia. Essa constatação, é confirmada pelas pesquisas de Souza (2012), ao afirmar que em muitas escolas do campo duas filosofias estão presentes: a da educação do campo e a da educação rural.

O PENSAMENTO DOS GESTORES SOBRE DIFICULDADES ATUAIS DOS POVOS DO CAMPO

Esta categoria de análise envolve as questões relativas às dificuldades existentes no campo, pois são especificidades a serem trabalhadas na educação do campo. Assim, questionou-se: “Quais são as dificuldades dos povos que ainda residem no meio rural nos dias de hoje?”.

As respostas foram: G1 – *A grande maioria dos filhos de agricultores que pretendem fazer uma faculdade ou cursar um curso técnico devem dirigir-se geralmente à outras cidades, falta de recursos financeiros para incentivar a permanência de produtores no campo; G2 – Falta incentivo e apoio por parte dos governantes, não tem recursos; G3 – Nos dias de hoje com o acesso as novas tecnologias e o incentivo rural, os agricultores não*

possuem mais dificuldades e duvidas no momento da produção. A Agroecologia tem dificuldades de aceitação, pois o mercado atual incentiva a utilização de agrotóxicos.

Segatti e Hespanhol (2008) pontuam que entre as maiores dificuldades enfrentadas hoje no campo está a comercialização dos produtos pelos pequenos produtores rurais. Isso decorre de inúmeros fatores, dentre eles: (a) a dificuldade de acesso ao crédito oficial devido à concorrência desleal com médios e grandes produtores rurais, que apresentam padrões tecnológicos e capital mais elevado; e (b) a baixa efetividade de políticas públicas de Estado voltadas ao pequeno produtor.

Denota-se das respostas de G1 e G2 que, o aspecto financeiro e a baixa efetividade das políticas públicas se fazem presentes. Os dados apontam também que, para permitir a continuidade dos estudos, pode ocorrer a migração dos sujeitos do campo para a cidade. Dependendo da modalidade educativa, essa migração extrapola as divisas municipais. Para cursos técnicos e superiores, é necessário que os sujeitos se dirijam a outros municípios.

Concorda-se que este é um problema sério, no entanto, recordamos os dizeres de Kolling, Cerioli e Caldart (2002, p. 19): “a educação compreende todos os processos sociais de formação das pessoas como sujeitos de seu próprio destino”. Migrar do campo para as cidades é um direito e a escolha deve ser feita pelos sujeitos. Todavia, discordamos da lógica de continuidade de estudos sem a devida reconfiguração para os povos do campo.

Sabemos que, a legislação aponta para a adoção de outras metodologias de organização curricular que permitam àqueles que desejam continuar os estudos sem ter que migrar do campo, baseada na pedagogia da alternância e constante no Artigo 28 da LDBEN/1996e no Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010.

É sabido também que, a agroecologia pode contribuir para esta decisão pessoal, principalmente quando se trata de pequenas propriedades. Mohr (2014) informou que ela é a que se apresenta como melhor correspondência, possibilitando geração de renda, menor custo de produção e fortalecendo a capacidade de permanência na terra.

Caldart (2017) lembrou que a agroecologia e sua entrada nas escolas do campo propicia uma formação humana e desalienada. Permite a compreensão das contradições e a novas possibilidades de produção e consumo de alimentos e, conseqüentemente, de vida no campo. Por isso, auxilia no processo de decisão dos sujeitos de permanecerem ou não na terra.

No tocante à produção agrícola, G3 declarou que os agricultores não possuem mais dificuldades e dúvidas. Isso, devido as novas tecnologias e o incentivo rural. As características declaradas por ele se coadunam com as da modernização capitalista da agricultura. Com a

introdução de “tecnologias agrícolas baseadas na utilização de insumos químicos, de sementes transgênicas e de máquinas pesadas”(PECCINI, 2017, p. 17).

Nestes termos, G3 considera que uma das dificuldades atuais é a agroecologia ser aceita amplamente pela sociedade, devido ao incentivo do uso de agrotóxicos na produção.

Sabe-se que, os agrotóxicos ainda são muito incentivados pelo mercado atual. Sendo estimulado cada vez mais o uso, sem a preocupação com a saúde da população e com os possíveis danos ao meio ambiente (MATA; FERREIRA, 2013).Esse estímulo, colocou o Brasil nos primeiros lugares do *Ranking* mundial, sendo o maior consumidor de agrotóxicos do mundo (TERRA; PELAEZ, 2009).

Notou-se que as dificuldades declaradas por nossos autores do referencial teórico estão presentes nas repostas dos gestores. Fechamos essa seção, com os argumentos de Caldart (2017), sobre o grande poder imbuído ao agronegócio de barrar o desenvolvimento da agroecologia. Por isso, na próxima seção, apresentamos como esse poder tem se manifestado nas escolas estudadas

A AGROECOLOGIA NO CURRÍCULO DAS ESCOLAS ESTUDADAS

Nossa última categoria de análise visou a responder sobre a presença da agroecologia nos currículos das escolas estudadas, assim questionou-se: “O ensino sobre a agroecologia se faz presente em sua escola? () Sim () Não. Se sim, em qual disciplina a agroecologia é trabalhada?() Ciências; () Técnicas Agrícolas; () Outra”. Após a questão havia espaço para incluir quais outras disciplinas e justificativas.

As respostas obtidas foram que *sim*, a agroecologia é trabalhada nas escolas estudadas. De modo consensual, nas disciplinas de *Técnicas Agrícolas*. Houve complementação somente de G2, para *Ciências* e *Outras* disciplinas. Entretanto, não foram informadas as outras disciplinas.

Apenas G3 justificou que a escola trabalha o conteúdo de agroecologia em *Técnicas Agrícolas*: *É abordada na matéria de Técnicas Agrícolas, com o intuito de incentivar e mostrar a produção sem a utilização de agrotóxicos. O conteúdo é abordado, porém de forma superficial.*

As declarações de G3 nos permitem compreender sua resposta sobre a importância de o conteúdo ser trabalhado de maneira mais profunda para que se relacione com os saberes que os alunos já possuem.

Destacamos que esse foi um ponto fragilizado da pesquisa. Pois não aprofundamos as estratégias de ensino que são utilizadas para abordar o conteúdo de agroecologia. Todavia,

mesmo com essas limitações, sabemos que uma das estratégias é a aula expositiva. Foi possível notar que no currículo escolar, a agroecologia tem ocupado lugar superficial. Sua abordagem está praticamente centralizada em Técnicas Agrícolas.

Percebemos desta forma que os saberes populares e culturais estão presentes nas escolas. Podem interagir com os saberes científicos, contribuindo para o modelo de produção que é optado pelos agricultores.

O currículo escolar é caracterizado como algo pensado e planejado para atender as necessidades do ensino, porém pode estar aberto a mudanças, que podem ser escolhidas pelos professores, ao optarem por uma atividade diferenciada, mas que transmita informações. Conforme argumenta (SACRISTÁN, 2000), o currículo é a parte fundamental na transformação da educação. Mesmo não assumindo filosofia única da educação do campo, é possível notar que ela está adentrando o espaço escolar.

Com isso observamos que a agroecologia, está em busca de um espaço na sociedade, com possibilidades de criação de vínculos com a população. Para Silva (2009) um currículo e uma escola que buscam a libertação precisam socializar o conhecimento já acumulado e investigar a realidade social do aluno, estabelecendo dessa forma articulação entre o conhecimento e a realidade, o que vai viabilizar que se ampliem as possibilidades dentro da escola e do próprio aluno.

Concluimos assim que, a agroecologia não é um tema em que os gestores conhecem muito, mas que estão abertos a possibilidades de se implementar este assunto aos currículos das escolas. Notou-se também que para os gestores a escola estar inserida no meio rural pode facilitar a compreensão de assuntos relacionados as práticas agrícolas presentes nas famílias dos alunos e na comunidade ao seu entorno.

Também foi possível observar o tipo de educação que se faz presente nas escolas, sendo mista: com elementos da educação do campo e da educação rural. Trabalhando com alguns assuntos da realidade, mas que foca principalmente em abordar os conteúdos prescritos nos currículos oficiais e auxiliam a enfrentar as dificuldades da vida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa, cujo objetivo era de observar se pode ser implantada dentro da escola de uma maneira que não só os alunos, mas a comunidade ao seu entorno entendam. Mas que ambos possam pensar/optar nesta alternativa de produção. Ele nos proporcionou um aprofundamento maior sobre os assuntos, agroecologia, educação do campo e escolas do campo, pontos que foram essenciais na análise e discussão dos dados. Além de apontar as dificuldades em que os gestores apresentaram no questionário em que os mesmos tiveram que responder.

Os assuntos tratados no texto nos proporcionaram entender um pouco a mais sobre a história de Erval Grande, seu início até os dias atuais, e através dela conhecer e compreender mais sobre a escola e comunidade ao seu entorno.

No quesito sobre a agroecologia, vimos que a mesma nasceu do campesinato, por meio da agricultura, e que foi criada como uma maneira de produzir sem agredir o meio ambiente, e como uma forma de vir a trazer sustento para as famílias que optaram por este tipo de produção.

Vimos também sobre a educação do campo que está sendo desenvolvida para se trabalhar nas escolas do campo. Com o intuito de transformar a educação, para abordar as realidades dos alunos. Assim facilitando com que a agroecologia possa ser inserida dentro dos currículos escolares.

Abordamos também sobre as escolas localizadas no campo que vem com o intuito de além de facilitar com que ocorram vínculos com a realidade local, tem grande importância para a vida da comunidade ao seu entorno.

Percebemos com questão problema deste trabalho que a mesma questionava sobre de que maneiras a agroecologia pode ser implantada na escola para atender a este público, alunos, professores e comunidade em geral. Como foi comentado no texto acima a agroecologia vem sendo pensada para trabalhar nas escolas do campo, já que a mesma só agregará na construção do conhecimento. Porém percebemos que nenhum dos gestores das escolas de fato tem interesse em introduzir a agroecologia nas escolas, pois para os mesmos a agroecologia não influenciará e não trará resultados na construção do conhecimento dos alunos, e não afetará na influência na sociedade.

5. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- ALTIERI, M; NICHOLLS, C, I. Agroecología: Teoría y práctica para uma agricultura sustentable. Série Textos Básicos para la Formación Ambiental. 1ª Edición. México: PNUMA, 2000, p.250.
- BRANDENBURG, Alfio. Sócio-ambientalismo e novos atores na agricultura. In. CALZAVARA, O.; LIMA, R. de O. (Orgs.). Brasil rural contemporâneo: estratégias para um desenvolvimento rural de inclusão. Londrina: Eduel, 2004, p. 253-277.
- BRASIL. Estatuto da terra. Casa Civil. 1964. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4504.htm Acesso em: 29/12/2017
- BRASIL. Constituição Federal. Da Ordem Social. 2016. Disponível em: https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_225_.asp Acesso em: 30/11/2017
- BRASIL. Política Nacional do Meio Ambiente. 1981. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11334636/artigo-3-da-lei-n-6938-de-31-de-agosto-de-1981> Acesso em: 25/11/2017
- BRASIL. Economia e Meio Ambiente no Brasil. Disponível em: <http://www.brasilsustentavel.org.br/sustentabilidade>. Acesso em: 30/11/2017
- COLOMBO.F. A colonização do Rio Grande do Sul. 2011. p.1. Disponível em: ficolombohistoriando.blogspot.com. Acesso em: 26/01/2018
- CALDART. S.R. EDUCAÇÃO DO CAMPO: NOTAS PARA UMA ANÁLISE DE PERCURSO. 2009
- CALDART. R.S. Agroecologia nas escolas do campo: construção do futuro feita à mão e sem permissão. 2017
- CARVALHO, H. M. **Desafios para o agroecologista como portador de uma nova matriz tecnológica para o campesinato**. Curitiba: MST, 2005
- DUARTE, T. 2009. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). Cies e-working paper. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.EINSTIN. Alberti. Apud GONSALVEZ. Amélia.Nova ética social. Site G1
- IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **O mercado de orgânicos no Paraná**: caracterização e tendências. Curitiba, 2007. 188 p. + anexos.
- ESPÍNDOLA, J.A.A.; GUERRA, J.G.; ALMEIDA, D.L. Adubação verde: estratégia para uma agricultura sustentável. Seropédica: Embrapa Agrobiologia, 1997. 20p.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. Sao Paulo: Cortez; 1991.
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. 653
- HAUDT, F.M.; RIVATTO, L.B. Apud Ministério Público 2001. Diretrizes Operacionais para a educação Básica do Campo e as Políticas para a Educação. 2006. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2006/Fabiane%20Mesquita%20Haudt%20e%20Luciano%20Brasil%20Rivatto.pdf> Acesso em: 30/12/2017
- HECHT, S. B. A evolução do pensamento agroecológico. In: ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002. p.21-51.
- KAGEYAMA, A. As múltiplas fontes de renda das famílias agrícolas brasileiras. Agricultura em São Paulo, Campinas, IEA, v. 48, n. 2, p. 57-69, 2001.

- MACHADO, Ilma Ferreira. Um projeto político-pedagógico para a escola do campo. Caderno de Pesquisa: Pensamento Educacional, v. 4, nº 8, p. 191-219. jul/dez. 2009.
- MARQUES, M. I. M. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista Nera**, n. 12, p. 57-67, 2008.
- MATA, João Siqueira da; FERREIRA, Rafael Lopes. Agrotóxico No Brasil – Uso e Impactos ao Meio Ambiente e a Saúde Pública. *Ecobate*, 02 ago. 2013
- Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MEIRELLES, L.R. & RUPP, L.C.D. Agricultura Ecológica - Princípios Básicos. 2005. Disponível em: < <http://www.centroecologico.org.br/agricultura.php>>. Acesso em: 19 mar.2014.
- MOHR, M. F. **A formação em agroecologia no MST/SC: um olhar sobre os egressos do curso técnico da Escola 25 de Maio de Fraiburgo/SC**. 2014. 139 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, 2014.
- PENA, R.F.A. Desenvolvimento Sustentável. Brasil Escola. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/geografia/desenvolvimento-sustentavel> Acesso em: 28/11/2017
- PECCINI, M. D. **Produção e comercialização de alimentos orgânicos: considerações acerca da experiência de camponeses ligados ao CETAP de Erechim - RS**. 2017. 184 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável). Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Laranjeiras do Sul, 2017.
- PADOVAN, P. M. Embrapa Agropecuária. Comissão Organizadora do evento. 2014. p.1
- SILVA, A. A.; SILVA, J. F. **Tópicos em manejo de plantas daninhas**. UFV: Viçosa, 2007. 367 p.
- SABOURIN, Eric. Face aos Impérios agroalimentares: o princípio camponês. **RevueduMauss Permanente, Paris**, v. 12, n. 7, 2008.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **O Currículo – Uma Reflexão Sobre a Prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed. 2000.
- SANTOS, Lucíola Licínio de C.P. A construção do currículo: A seleção do conhecimento escolar. In: **Currículo: Conhecimento e cultura**. Brasília: MEC/ SEAD, 2009
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento** 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SAMINÊZ, T. C. de O. *et al.* Princípios Norteadores. In: HENZ, G. P.; ALCÂNTARA, F. A.; RESENDE, F. V. (Ed.). **Produção orgânica de hortaliças: o produtor pergunta, a Embrapa responde**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2007. Cap. 1. p. 17-28. (Coleção 500 perguntas, 500 respostas).
- SEGATTI, S.; HESPANHOL, A. N. Alternativas para a geração de renda em pequenas propriedades rurais. **Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa**, v. 4, p. 615-631, 2008.
- SILVA, J. G. Currículo e diversidade: a outra face do disfarce. **Trabalho necessário**. Ano 7, nº. 9, pp. 1-18, 2009.
- SILVA, M. S. **Educação do campo e desenvolvimento: uma relação construída ao longo da história**. 2004.
- SILVA, J. M.; NONATO-SILVA, E.; FARIA, H. P.; PINHEIRO, T. M. M. **Agrotóxico e Trabalho: uma combinação perigosa para a saúde do trabalhador rural**. Ciência & Saúde Coletiva. ABRASCO – v. 10. n. 4, 2005. p.891-903.
- TERRA, F. H. B.; PELAEZ, V. A história da indústria de agrotóxicos no Brasil: das primeiras fábricas na década de 1940 aos anos 2000. Anais do 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Porto Alegre, 2009.

WIZNIEWSKY, C. R. F. A CONTRIBUIÇÃO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA NA FORMAÇÃO SOCIAL DOS SUJEITOS DO CAMPO. 2010.p.33

6. APÊNDICE 1

Questionário para construção de projeto de TCC

1) Assinale a imagem que em seu ponto de vista é considerada uma horta agroecológica:



Primeira imagem

Segunda imagem

2) A agroecologia é uma fonte de renda que possa vir a possibilitar lucro ao agricultor?

Justifique.

Sim

Não

3) Qual das alternativas a seguir corresponde ao significado de agroecologia?

agroecologia é uma ciência que norteia os sistemas orgânicos de produção;

É uma prática agrícola ou um sistema de produção;

é uma ciência que apresenta princípios e metodologias que tem como única finalidade a de analisar e estudar a produção;

4) O equilíbrio biológico é caracterizado como:

um ambiente natural

é a condição fundamental para a sustentabilidade dos sistemas orgânicos de produção, no tempo e no espaço;

é um manejo realizado pelo homem, para que ocorram boas relações entre os organismos vivos, o homem e o meio ambiente;

5) Quais são os bons resultados que podem ocorrer no meio ambiente com o manejo agroecológico?

6) O ensino sobre a agroecologia se faz presente em sua escola?

Sim

- () Não
- 7) Se sim. Em qual disciplina a agroecologia é trabalhada?
() Ciências
() Técnicas Agrícolas
() Outra
- 8) Qual é a importância da escola localizada no campo para os estudantes, pais e comunidade em geral?
- _____
- _____
- 9) Quais são as dificuldades dos povos que ainda residem no meio rural nos dias de hoje?
- _____
- _____
- 10) Qual é a relação do conhecimento abordado em sala de aula, que se faz presente na realidade de vida dos povos do campo?
- _____
- _____
- 11) De que maneira a agroecologia pode ser trabalhada em sala de aula, vinculando os saberes que os alunos possuem?
- _____
- _____
- _____

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **A agroecologia e sua relação com as escolas municipais do campo na concepção de seus gestores no município de Erval Grande/RS**, desenvolvida por Eliana Chittó, discente de graduação do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo – Ciências da Natureza – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* de Erechim, sob orientação do Professor Me. Fábio Aparecido Costa.

O objetivo central do estudo é analisar se a agroecologia esta presente nos currículos escolares, no Projeto Político Pedagógico das Escolas, e se a mesma é desenvolvida nas escolas do/no campo no município de Erval Grande/RS.

O trabalho será realizado com professores (as), direção e alunos de escolas do/no campo do município de Erval Grande, e por isso o Sr (a) está sendo convidado (a) a participar. Sua participação é extremamente importante e sem ela não poderíamos estar realizando esta pesquisa.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Ao participar desta pesquisa estará contribuindo para discussões e reflexões sobre o desenvolvimento da Agroecologia nos currículos das escolas do/no campo. Sua participação também é muito importante para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da acadêmica Eliana Chittó.

A sua participação consistirá em responder questões de um questionário, com perguntas abertas e fechadas.

Os questionários serão transcritos e armazenados, em arquivos, mas somente terão acesso às mesmas a equipe de pesquisa. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos.

Os benefícios relacionados com a sua colaboração nesta pesquisa é o de possibilitar reflexões sobre o desenvolvimento da Agroecologia no Ensino de Ciências da Natureza em escolas do/no campo.

Este estudo possui poucos riscos, tais como desconforto e constrangimento, inerente a atividade desenvolvida (questionário), quando ocorrer algum destes riscos ao responder uma pergunta de cunho pessoal, o estudante poderá deixar em branco, a fim de minimizar riscos e desconfortos. Todavia, lembremos que lhe é garantido o direito de desistir de sua participação

a qualquer tempo e sem nenhuma penalização. Reforçamos que sua identidade será preservada, e que seus dados serão armazenados em local seguro.

Os resultados serão divulgados no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) mantendo sigilo dos dados pessoais.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

Erechim, _____ de Dezembro de 2017.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante

Assinatura

A pesquisadora, abaixo-assinada, se compromete a tomar os cuidados e a respeitar as condições estipuladas neste termo.

Em caso de dúvidas poderá entrar em contato pelos dados que seguem:

E-mail: fabio.costa@uffs.edu.br

Endereço: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, Rodovia ERS, Km 135, 200 - Zona Rural, 99700-000 – Erechim RS, Brasil

Prof. Me. Fábio Aparecido Costa
Pesquisador responsável

Eliana Chittó
Assistente da pesquisa

E-mail: fabio.costa@uffs.edu.br
Endereço: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, Rodovia ERS, Km 135, 200 - Zona

E-mail: eliana17chitto@gmail.com

